



**FACULDADE MARIA MILZA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**HENRIQUE DE ALMEIDA SILVA**

**NEXOS E CONTRADIÇÕES DO ESPORTE NA ESCOLA E DA ESCOLA NAS  
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA  
2021**

**HENRIQUE DE ALMEIDA SILVA**

**NEXOS E CONTRADIÇÕES DO ESPORTE NA ESCOLA E DA ESCOLA NAS  
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina TCC II, sob orientação da Prof. Josemare Pinheiro, no Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Maria Milza, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado.

Orientador: Professor Doutor Ivson Silva

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA  
2021**

Ficha catalográfica elaborada pela Faculdade Maria Milza,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bibliotecárias responsáveis pela estrutura de catalogação na publicação:  
Marise Nascimento Flores Moreira - CRB-5/1289 / Priscila dos Santos Dias - CRB-5/1824

S586n

Silva, Henrique de Almeida

Nexos e contradições do esporte na escola e da escola nas aulas de educação física / Henrique de Almeida Silva. - Governador Mangabeira - BA , 2021.

51 f.

Orientador: Ivson Conceição Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade Maria Milza, 2021 .

1. Educação Física. 2. Esporte. 3. Desenvolvimento Humano - Educação Física. 4. Educação Física Escolar. I. Silva, Ivson Conceição , II. Título.

CDD 372.86

HENRIQUE DE ALMEIDA SILVA

NEXOS E CONTRADIÇÕES DO ESPORTE NA ESCOLA E DA ESCOLA NAS AULAS  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA DE APRESENTAÇÃO

---

Dr. Ivson Silva

Faculdade Maria Milza

---

M<sup>a</sup>. Elipaula Marques da Cruz Carvalho

Faculdade Maria Milza

---

M<sup>a</sup>. Cristiane Guimarães de Lacerda

Faculdade Maria Milza

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA**

**2021**

## AGRADECIMENTOS

*Meu amado Deus, eu sou muito grato por este presente maravilhoso que é a vida! Agradeço também pelas pessoas que o Senhor colocou em meu caminho. Algumas delas me inspiram, me ajudaram, me desafiaram e me encorajaram a ser cada dia melhor. Eu te agradeço, Senhor, por todas as coisas boas e más. Tudo foi aprendido.*

## DEDICATÓRIA

“Honro o fechamento deste ciclo dedicando a minha monografia a minha família em especial a minha mãe Edvaldice de Almeida Silva ao meu pai Francisco dos Reis Silva, a minha irmã Francine de Almeida Silva e a minha avó Maria do Carmo, que sempre estiveram ao meu lado compartilhando sua experiência de forma construtiva. Gratidão.” Dedico também a minha noiva Railana e a sua família por toda paciência, motivação e cuidado ao longo desses anos.

“Agradeço à família Futsocial que nunca se negou a compartilhar seus conhecimentos comigo, me dando a oportunidade de estar estudando. Isso fez toda a diferença. Dedico a minha monografia a ela e em especial a Sérgio Santana, a Ivelise Nunes, Gésika Santos e a José de Souza de Santana. Muito obrigada (o), minha querida (o)”.

“Este trabalho de pesquisa também dedico, ao meu orientador Professor Doutor Ivson Silva e a sua família que sempre me ajudou com sua experiência, conhecimentos e amizade, pelas palavras sábias e amigas dirigidas a mim durante em todas as aulas e durante a construção deste trabalho. Pelas horas que sempre esteve presente quando eu precisava, obrigado pelo seu apoio. As incontáveis horas de troca de ideias valeram a pena. Muito obrigado meu caro”.

“Dedico este trabalho de pesquisa aos amigos e colegas de curso por sempre estarem disponíveis para as minhas dúvidas e questões. Tenho certeza de que a qualidade deste trabalho não seria a mesma sem a ajuda de vocês. Grato.”

Aos meus amigos (as), Camila Elen, Marcela Veleiro, Jeanderson Nunes, João Marcos, Raul Jorge, Renan Ribas, Romário Ribas, Felipe Almeida, Jonas Almeida, Mateus Freitas, Hericles Santos, Jefferson Souza, Júlio Souza, Adjair Santos, Johnny Krabbe, Leandro dos Santos, Girlene Conceição, Gabriel Conceição, Ana Graziela e a família Jc Fitness. Obrigado pela motivação, confiança, resenhas e puro estresse nessa caminhada. Amo vocês!

A Dona Preta e a Dona Nascimento. Obrigado pelos conselhos, bênçãos, risos e histórias.

Por fim, agradeço a todos os meus queridos (a) professores por me aguentarem e incentivarem nesses 4 longos anos, foram momentos inesquecíveis e que eu nunca esquecerei, gratidão a todos vocês.

“Disciplina é a ponte entre metas e realizações”  
(Jim Rohn)

## RESUMO

O estudo a seguir trata do esporte como conteúdo da Educação Física escolar, sendo este um fenômeno social que é abrangente e apropriado em todas as relações sociais e em determinadas circunstâncias. Compreendendo assim a evolução gerida pela modernidade e suas influências em torno do desporto ligado ao rendimento como também ligado às perspectivas escolares, vários encontros contraditórios estão impregnados dentro do contexto universal do esporte. Esse fenômeno factual é devido aos grandes períodos na história do homem e de sua caminhada enquanto ser humano devido à evolução histórico-social. Portanto, buscou-se respostas através de literaturas em que grandes autores especificam a condição atual do esporte e assim determinam concepções que objetivam o nosso trabalho. Logo, foi realizado amplo diálogo com a produção do conhecimento cujo a base foi concepções levantadas pelas bibliografias. Contudo, as abordagens pedagógicas da Educação Física escolar, dentre elas a Abordagem Crítico Superadora, foi possível entender como o esporte se apresenta dentro escola, desta forma, mostrando o esporte e suas representações sociais e o porquê o esporte se encontra tão escolarizado e renderizado ao princípio técnico.

Palavras chave: Educação Física. Esporte. Escola. Trabalho. Ontologia.



## ABSTRACT

The following study deals with sport as a content of physical education at school, which is a social phenomenon that is comprehensive and appropriate in all social relationships and under certain circumstances. Thus understanding the evolution managed by modernity and its influences on sport linked to performance as well as linked to school perspectives, several contradictory encounters are impregnated within the universal context of sport. This factual phenomenon is due to the great periods in the history of man and his journey as a human being due to historical-social evolution. Therefore, answers were sought through literature in which major authors specify the current condition of the sport and thus determine conceptions that aim our work. Therefore, a broad dialogue was carried out with the production of knowledge whose basis was the conceptions raised by the bibliographies. However, the pedagogical approaches of school Physical Education, among them the Overcoming Critical Approach, it was possible to understand how sport presents itself in school, thus showing sport and its social representations and why sport is so schooled and rendered to the technical principle.

**KEYWORDS:** Physical Education. Sport. School. Work. Ontology.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. PRINCÍPIOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO .....</b>	<b>15</b>
<b>3. RAÍZES EUROPEIAS: UM BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE ESPORTE NO CAPITALISMO .....</b>	<b>30</b>
3.1. Apontamento iniciais da relação entre Esporte e Estado Moderno .....	32
3.2. Breve diálogo sobre a chegada do esporte no Brasil .....	35
<b>4. A RELAÇÃO CONTRADITÓRIA DO CARÁTER EDUCATIVO DO ESPORTE .....</b>	<b>37</b>
4.1. Esporte da escola e esporte na escola: elementos para uma crítica superadora.....	41
4.2. O esporte de rendimento na escola: criticar para superar .....	43
4.3. O ensino da técnica esportiva nas aulas de Educação Física: para além do tecnicismo.....	44
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A sociedade moderna desde a sua gênese é fascinada pelo esporte como um todo. Consideramos que esse é um produto das ações humanas com a natureza que tem seus inícios nos primórdios da humanidade. Relatos demonstram como esse fenômeno foi caracterizado e consumido por toda classe populacional.

Registros importantes como as pinturas rupestres ou como a própria olimpíada derivaram como as práticas esportivas se instituíram, onde consequentemente e contraditoriamente a grande maioria em que a consumia era a classe elitizada. Nesse momento esclarece aqui os princípios ontológicos deste fenômeno, já que o esporte é considerado como uma ferramenta ligada ao trabalho.

Com a evolução da sociedade, a formação dos indivíduos consequentemente o homem, compreende o esporte ligado à vertente rendimento que de forma incoerente e alienada transmite um paradigma relacionado a mecânica dos Megaeventos, cujo essa expertise dentro do processo educacional está impregnada apenas no modelo competitivo.

Tendo em vista esses fatos, o Estado dentro das suas políticas públicas e de desenvolvimentos estabelece preceitos para que haja a composição de forma adequada das práticas esportivas, entretanto muitas vezes esses preceitos fogem da concepção em torno da cultura corporal.

É notório que a grande capacidade de mobilização da população que estes megaeventos possuem, atrai cada vez mais a atenção, sendo alvo de campanhas publicitárias de diversas empresas, além de ser um instrumento cada vez mais comum dentro das políticas públicas.

Considerando outra perspectiva, é preciso compreender o caráter formativo do esporte. Assim, a escola enquanto espaço de ensino das atividades sistematiza deve ter em suas aulas de educação física o esporte enquanto um elemento de formação humana. Nessa linha, buscamos as relações entre o trabalho com o esporte da escola (aquele que tem suas regras de funcionamento para atender fins pedagógicos desenvolve a crítica ao esporte de alto rendimento) e na escola (aquele é reprodução do alto rendimento, sem o caráter crítico)

Logo o esporte como uma linguagem Universal que nos transmitem significados, justifica essa tendência comercial que se estabelece na sociedade moderna. Seguindo essa linha foi possível perceber que há uma divisão dentro do sistema educacional onde, toma à tona a diferenciação entre esporte na escola e esporte da escola.

O nosso debate se deu em torno da Revista Movimento dos anos de 1990 que está sistematizado e no livro organizado por Lovisolo e por Stigger Esporte de rendimento e esporte na escola.

Ao longo do processo desta pesquisa foi perceptível o problema central, problema esse que caracteriza: quais os nexos e contradições, apontados na literatura, sobre o ensino do esporte na escola e da escola nas aulas de Educação Física no Brasil?

Não obstante, o objetivo geral deste estudo é investigar quais os nexos e contradições, apontados na literatura, sobre o ensino do esporte na escola e da escola nas aulas de Educação Física no Brasil. E como objetivos específicos temos: Compreender o que apontam a produção do conhecimento sobre o desenvolvimento do esporte na educação física escolar brasileira; contextualizar a especificidade do pressuposto esporte e seus atributos perante a sociedade; apontar a descaracterização do jogo e a desumanização ligado ao princípio do trabalho; Conhecer as semelhanças e diferenças entre esporte na escola e esporte da escola

Portanto é cabível apresentar pontos em que respondam essas questões. Diante disso, temos no capítulo II, a metodologia onde demonstra os autores que caracterizam e tematizam sobre a revisão de literatura.

Ao chegar no capítulo III, encontramos os princípios ontológicos que condiz no pensamento humano e na relação entre o homem e a natureza, onde parte do pressuposto do sistema evolutivo.

No capítulo IV, tratamos sobre as raízes europeias: um breve relato histórico sobre esporte e o capitalismo, em que nos sinaliza como o processo acerca das relações sociais capitalistas impulsionaram o avanço populacional dos esportes dentro das suas perspectivas, lazer, educação e rendimento, sendo criada na grande Inglaterra.

Em suma no capítulo V, traz a discussão dos resultados encontrados através das revisões de literaturas.

Assim, esse trabalho se justifica no desafio em obter respostas coerentes em que se estabeleça a relação do ensino do esporte, desde o rendimento ao processo educacional sem estabelecer exclusões, mas com o sentido crítico, sem a defesa da formação de atletas, mas a defesa da formação de seres humanos.

Essa pesquisa poderá contribuir futuramente como material de estudo para possíveis aulas, tendo importância para sistematizar o conteúdo de forma coesa.

Discutindo sobre a metodologia da pesquisa, sabe-se que é um processo de investigação sobre o objeto tratado, contudo muitas dúvidas sobre aplicação dos métodos abrem um campo de possibilidades. Desta forma Lakatos e Marconi (2003) disserta sobre:

A metodologia da pesquisa é o que abrange maior número de itens, pois responde, a um só tempo, às questões *como? com quê?, onde?, quanto?* E corresponde aos respectivos componentes: método de abordagem, método de procedimento, técnicas, delimitação do universo, tipo de amostragem, embasamento teórico, teoria de base, revisão de bibliografia, definição dos termos, cronograma, orçamento, instrumento de pesquisa, bibliográfica, pesquisa piloto ou pré-teste, estrutura do relatório, interpretação dos resultados, conclusão (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 221-232).

Por outro lado, Minayo descreve que a metodologia da pesquisa é:

Uma fase complexa onde o pesquisador requer um maior cuidado indicando os métodos e técnicas que foram utilizados. Entretanto essa metodologia não só contempla apenas a fase de exploração do campo, assim o autor sugere os seguintes elementos: coleta de dados, definição da amostragem, organização e análise de dados, custo do orçamento, cronograma e referências bibliográficas. Além disso, são as concepções teóricas quem vem a possibilitar a construção da realidade e o potencial criativo do investigador. (MINAYO, 2002, p. 45- 46).

Nesse campo de diálogo nos cabe mencionar Gamboa onde ele indica pensamentos de compreensão para que haja a verificação dos problemas a serem respondidos no processo de investigação. A partir disso a estrutura lógica da pesquisa no campo metodológico nos diz que:

É um processo compreendido pelas indagações de perguntas e respostas onde permite ao próprio investigador ser seu teórico ou metodólogo. [...] apresentam alternativas no conservadorismo metodológico a fim de trazer reflexões filosóficas à luz das análises epistemológicas (GAMBOA, 2013, p. 25-26).

Dialogando com os autores fica evidente as diferenças em tratar o fenômeno da metodologia da pesquisa. Todavia ambos autores trazem perspectivas interessantes de como entender e questionar o objeto tratado. Por outro lado, esse diálogo proposto nos ajuda a explicar o que é pesquisa qualitativa ou quantitativa, e o porquê que é. Dessa forma Minayo cita:

A pesquisa qualitativa responde às questões particulares, onde se preocupa com as ciências sociais e com o nível da realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela vem a trabalhar com o universo de significados, aspirações, crenças, que corresponde a um espaço findo de relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Contudo a pesquisa qualitativa-quantitativa elas se complementam, já que não se opõem no conjunto de dados onde a realidade abrangida é interagindo dinamicamente excluindo assim qualquer tipo de dicotomia. Além disso tem por natureza a base no positivismo onde sua apropriação é através da linguagem das variáveis para explicar os atributos do objeto de investigação (MINAYO, 2002, p. 21- 22).

Ao tratar sobre a pesquisa descritiva Triviños (1987) permite que o pesquisador parta de uma hipótese aprofundando seu estudo nos limites de uma realidade específica onde busca conhecimentos para planejar e desenvolver a pesquisa descritiva. Dessa forma, o pesquisador

pode se basear em teorias para formular opiniões o que irá possibilitar resultados nos objetivos da pesquisa.

Por outro idem (1987) ainda descreve que a pesquisa exploratória contribui para levantar os possíveis problemas da pesquisa. Para compreender esse pensamento, o estudo exploratório, ele não obriga o pesquisador a ter um tratamento cuidadoso em investir a pesquisa e o objeto abordado, isso porque fica tudo dentro de um esquema elaborado que serve como forma de pesquisa.

O processo de desenvolvimento da pesquisa demanda que o pesquisador, antes de proceder a totalidade do processo de investigação, se aproprie do que já foi produzido anteriormente sobre o seu objeto de investigação, para isso é preciso lançar mão da pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi significa que:

[...] é um apanhado sobre os principais trabalhos realizados onde fornecem dados atuais e relevantes tendo importância e relação ao tema escolhido. Além disso, permite orientar indagações ajudando a evitar certos erros no trabalho, contudo a investigação vem a ser com base em estudos exploratórios sendo realizadas em dois aspectos, que são as fontes primárias e secundárias (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.158).

Nesse sentido, as autoras ainda descrevem a pesquisa documental a diferenciando da pesquisa bibliográfica sendo:

Uma fonte de coletas de dados onde está restrita a documentos escritos ou não se constituem em fontes primárias de pesquisa. Além disso, existem variáveis que auxiliam em um quadro de compreensão do universo da pesquisa documental. As variáveis são: fontes escritas ou não; fontes primárias ou secundárias; contemporâneas ou retrospectivas (LAKATOS; MARCONI, p.174).

Ainda em texto, há outras formas de complementar a pesquisa científica utilizando métodos práticos como alternativa em desenvolver as ideias e pensamentos.

A vista disso, a pesquisa bibliográfica segundo Minayo (2002) coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse. Seguindo esse pressuposto, este tipo de pesquisa tem caráter que envolve a discussão de ideias, onde será possível pesquisar através de determinadas publicações que tenham aproximação do seu objeto de estudo. Sendo assim, não havendo a necessidade do pesquisador ir a campo para finalizar o seu trabalho.

## 2. PRINCÍPIOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A humanidade por mais que seja contraditória na maioria das vezes, é possível dizer que tem como definição um modelo cujo a forma esteve ligada a um conjunto sociável entre os seres mais próximos. Acerca desse pensamento, Leontiev (2004) afirma que o processo evolutivo se deu através da humanidade. Dessa forma, a hereditariedade dos indivíduos compõe a mesma espécie, já que cada um deles tem traços genéticos que ligam ao parentesco.

Assim, por mais que exista uma contrariedade do seu pensamento, esse fato se exprime através das características que são adquiridas diante das gerações. Ora, se o reflexo passando diante das gerações foi contribuindo para a evolução dos seres humanos ou para determinadas espécies, isso mostra que cada ser humano "indivíduo" tem suas particularidades, onde transmitem atitudes dentro dos meios sociais.

Em contrapartida, esses caracteres demonstram novas formas de pensamentos e de comportamentos diante dos seres.

Leontiev (2004) aponta que foi através das etapas em que a humanidade passou, toma à tona elementos com bases históricas que ampliam o processo social e suas leis. Partindo desse pressuposto, o sistema evolutivo transformou os indivíduos morfológicamente onde construiu variações que conhecemos hoje como regras e leis.

À medida em que o homem moderno é uma evolução histórica, esses aspectos morfológicos saem de cena, pois é considerável que o homem se autoproclama como um ser independente que está ligado ao trabalho. Corroborando com essa posição, Saviani (2011) destaca que o elemento chave que diferencia o homem dos demais seres vivos é o trabalho, isto porque ele necessita adaptar a natureza ao seu benefício próprio de acordo com a sua realidade natural para produzir de forma contínua a sua existência.

Essa posição indica que os indivíduos tendem a antecipar suas ações intencionalmente como uma forma de produção. Ao tratar dessa temática, Leontiev (2004) se aproxima citando através dos estudos de Marx onde ele aborda o mundo como uma transformação gerada pela atividade humana, logo que, do mesmo modo que os objetivos sociais transparecem durante o seu desenvolvimento.

Mesmo que a atividade humana demonstre problemas inerentes, será possível perceber possibilidades do desenvolvimento ontogênico. Considerando que Saviani (2011) descreve que o homem necessita de conhecimento prévio para uma determinada ação, essa ação se apropria dos significados do processo de adaptação em que o homem está inserido.

Um dos processos de adaptação se deu através da linguagem onde como um fator primordial o hábito de falar perpassou entre as gerações. Sobre esse assunto, Leontiev (2004) ainda afirma que a estrutura do processo da comunicação tem bases elementares desde a pré-história, onde a comunicação se dava através dos gestos que circundam como um ato específico de transmitir informações.

Atualmente nota-se que essa comunicação está representada tanto no modo de falar, escrever, mas também dentro dos processos tecnológicos.

Voltando ao debate sobre o tema trabalho, Leontiev (2004) ainda descreve que o processo ontogênico é caracterizado pelas alterações sofridas pelos seres vivos, contraditoriamente o homem especificamente necessita do trabalho para sobreviver. Isto é, ele necessita adaptar a natureza para o seu modelo de produção, ora, ele busca melhorias para o seu bem-estar social.

Necessariamente, esse fator sócio-histórico liga a aquisição que diferencia o ser humano dos demais seres vivos, seja pela sua etnia, sexo ou pelo seu modelo de trabalho. Mas, por outro lado, Leontiev (2004) ainda classifica que é necessário entender os dois lados da natureza dos indivíduos e dos animais. Dessa forma ele estabelece,

Distingue-se principalmente dos mecanismos de comportamento específico porque só se fixam a aptidão ou comportamento que a adaptação individual realiza enquanto os mecanismos de comportamento específico fixam no próprio comportamento (LEONTIEV, 2004, pg. 187).

Ao tratar especificamente no modo de comportamento dos animais, é perceptível que esse grupo seja suscetível a adaptações geradas pela natureza ou pelo seu grupo. A exemplo disso, se porventura um adestrador domar um animal ele consegue que esse mesmo animal demonstre novos comportamentos adaptativos.

Neste caso, utilizando o pensamento contraditório, esses mesmos animais adestrados, ao serem soltos de volta na natureza precisaram uma nova adaptação, pois o modelo de sobrevivência exigiria um novo comportamento.

Leontiev (2004) ainda cita que, ao compreender o comportamento dos animais é preciso entender as influências sobre as condições externas onde é preciso ter em conta o comportamento inato. Corroborando com essa ideia, esse fenômeno de adaptações produz elementos concretos onde é possível diferenciá-los dos homens, onde se um necessita adaptar a natureza, para o seu benefício, logo outro vem a equilibrar a natureza apenas se adaptando a ela.



Em virtude disso, existe uma nova particularidade presente na vida humana, essa particularidade chama-se experiência sócio-histórica, onde o homem se apropria da ontogênese. De acordo com idem,

“Sabemos que a manifestação ontogênica da atividade “reflexo condicional” nos mamíferos superiores que não dependem apenas do momento em que chegam à maturidade os mecanismos nervosos correspondentes, mas igualmente das influências exercidas pelas condições exteriores as quais fazem finalmente aparecer bastante rapidamente, reflexos condicionais que se vêm enxertar nos mecanismos inatos do comportamento”. (LEONTIEV, 2004, pg. 188.)

Portanto, o comportamento animal adapta-se e acomoda-se à medida em que os elementos exteriores são aparentes apropriando-se assim da sua ontogênese. Simultaneamente, esse processo descrito estabelece que essa experiência não se exprime apenas no sentido dos diferentes indivíduos.

Portanto, é por essa razão que a hereditariedade não se resida, o que mostra uma diferença enorme sobre a experiência específica dos animais. Em outras palavras, essa estrutura gera modificações sobre o comportamento.

Saviani (2007), destaca que o princípio ontológico tem como base a relação educação e o trabalho, embora o ser humano trabalhe e eduque ao mesmo tempo. Seguindo esses fatores e diferenciações ligadas a ontogênese sendo homem x animais, se estabelece e fortifica citando as diferenças específicas pelo gênero já que é um objetivo comum que tem por definição espécies diferentes e o homem que se diferencia pela racionalidade e pela razão própria em que exercer esse atributo se caracterizando como um ato essencial dos seres humanos.

Contudo, Saviani (2007) citando Bergson destaca que somente a racionalidade não seja um fator que define a existência humana. Em contrapartida, o autor considera que o instinto, aqui sendo a intuição, toma forma com operações vitais que condiz no reflexo do objetivo do homem. Logo, o processo do trabalho ocorre dentro das ações que o ser humano produz, ou seja, dentro do convívio social e organizativo que condiciona a sua vida.

Conforme Saviani (2007) descreve, esse processo é conhecido como trabalho, já que é um conjunto de ações para suprir as necessidades humanas.

Contraditoriamente, nota-se que o ser humano não é uma dádiva divina, ora, a essência humana não pode ser dada, isso porque a essência humana é produzida pelo trabalho. Ou seja, ele não nasce homem, ele se torna homem a fim de produzir a sua própria história, portanto esse processo comum liga a ideia em que o homem trabalha e se educa ao mesmo tempo.

Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Sendo assim, a educação se dava pelo trabalho (SAVIANI, 2007, p. 154).

Esse processo estabeleceu até o que chamamos hoje de divisão de classes destacando aqui a classe dos proprietários de terras e dos não proprietários. Do mesmo modo em que o homem necessita do trabalho e não dá para viver sem ele, preponderantemente isso reflete e se justifica como realmente é difícil viver sem o trabalho.

Mas por outro lado, é inquestionável afirmar que dentro dessa perspectiva os proprietários conseguiam viver sem trabalhar porque exploravam os trabalhos dos outros, isso se deu por terem passado as obrigações aos não detentores de terras o que se converteu em senhores, reis e escravos.

Segundo Saviani (2007), foi nessa relação que se estabeleceu uma educação aos ricos e senhores livres, e outra educação para os trabalhadores. Certamente a primeira educação se situava na transmissão do saber sistematizado ou na arte de preparação para o poder militar. Porém, é importante frisar que dentro desse processo de trabalho temos duas vias, uma é o trabalho material e a outra é o trabalho não material.

Para Saviani (2007), o trabalho material é uma ação em que o produtor se separa do produto, nesse caso é um intervalo em que o ato da produção estabeleça um tempo médio que o trabalhador irá pensar primeiramente como irá criar esse produto, logo após como irá desenvolver a coleta dos materiais essenciais, assim até finalizar o processo da construção para que esse produto venha a chegar a um consumidor final.

Por outro lado, o trabalho não material é o ato em que o produto não se separa da produção. Especificamente a educação se estabelece nesse segundo elemento. Conforme estabelecido,

Podemos, pois, afirmar que a natureza da educação se esclarece a partir daí. Exemplificando: se a educação não se reduz ao ensino, é certo, entretanto, que ensino é educação e, como tal, participa da natureza própria do fenômeno educativo. Assim, a atividade de ensino, a aula, por exemplo, é alguma coisa que supõe, ao mesmo tempo, a presença do professor e a presença do aluno. Ou seja, o ato de dar aula é inseparável da produção desse ato e de seu consumo. A aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo (produzida pelo professor e consumida pelos alunos) (SAVIANI, 2007, p. 12).

Os aspectos culturais aqui desenvolvidos durante as aulas se tornam um elemento que distribui, significados e valores tornando assim um acessório fundamental para a transmissão do conhecimento. Visto que, idem considera,

O clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial. Pode, pois, constituir-se num critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico (Idem, *ibidem* 2007, p. 13).

Portanto, é possível dizer que a educação não se reduz ao ensino, pois a partir dos critérios assimilados a seleção dos conteúdos torna a educação como um fenômeno educativo.

Nesta mesma linha, a escola tem por tarefa transmitir o saber elaborado que a respeito disso os próprios gregos nos atribuíam um modelo que ilustra as questões do saber. Para Saviani (2011), o que condiz com a transmissão do saber sistematizado, é possível encontrar Doxa, à Episteme e a Sofia.

Ao exemplificar esses termos destaca-se aqui a doxa que é o saber próprio que gera uma opinião ligada ao senso comum, Sofia distribui valores específicos de sabedoria onde muitas vezes de modo contraditório inverte os papéis entre o saber sábio dos mais velhos para os mais jovens e a Episteme significa a ciência propriamente dita que deve ser sistematizada como um conhecimento a ser transmitido.

De fato, para aprender o saber e para que haja a sistematização, é necessário que haja um hábito de estudos e de esforços que juntamente nos estabeleça como um ato natural ou como uma segunda natureza. Consequentemente, é um ato adquirido durante o processo educacional, pois essa habilidade nos faz compreender essa segunda natureza. Sobressai aqui o ato de ler e escrever.

Acerca desse pensamento Saviani (2011), destaca que essa habilidade só se pode chegar por um processo deliberado e sistemático. “Perceber por que o melhor escritor não será, apenas por esse fato, o melhor alfabetizador”. Isso quer dizer que ao atingir o domínio da leitura e da escrita o escritor ele irá vencer os obstáculos que ligam a dificuldades, sendo que o processo educacional pedagógico tem suma importância nesse desenvolvimento.

Sobretudo, o currículo tem como obrigação garantir as disposições de professores e gestores como um fator indispensável, sem dúvida, esses fatores ocorrem de modo organizado a fim de transmitir o conhecimento de forma científica. Sendo assim,

De uns tempos para cá, disseminou-se a ideia de que currículo é o conjunto das atividades desenvolvidas pela escola. Portanto, currículo diferencia-se de programa ou de elenco de disciplinas; segundo essa acepção, currículo é tudo o que a escola faz; assim, não faria sentido falar em atividades extracurriculares (SAVIANI, 2011, p.15).

Muito embora quando nos deparamos com o calendário educacional, normalmente visualizamos muitas datas comemorativas dentro deste currículo. Todavia, essas atividades

extracurriculares acabam tomando uma proporção que gira em torno da metade do calendário escolar, por mais que estas atividades representam o lado cultural do processo humano, sobriam pouco tempo para a sistematização do saber elaborado.

De certo modo nos deparamos com razões em torno do conhecimento que propositalmente nos refere ao conhecimento dos fenômenos. Assim, segundo Saviani (2011), “a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos e significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho”.

O ato de educar implica na relação entre o saber sintetizado e não sistematizado, isto quer dizer, que os elementos culturais são assimilados por cada indivíduo de formas diferentes. Ao tratar sobre esse tema, Saviani (2007) destaca que se o surgimento da educação vem do grego *ócio*, significando tempo livre, isso formou o desenvolvimento educacional propriamente dito.

Contudo, sendo uma contraposição do processo produtivo, nota-se a separação entre escola e educação. É possível afirmar que mesmo com o desenvolvimento do trabalho houve a separação com a educação, logo os homens produzem com objetivos, meios e fins.

Essa separação entre escola e produção reflete, por sua vez, a divisão que se foi processando ao longo da história entre trabalho manual e trabalho intelectual. Por esse ângulo, vê-se que a separação entre escola e produção não coincide exatamente com a separação entre trabalho e educação. Seria, portanto, mais preciso considerar que, após o surgimento da escola, a relação entre trabalho e educação também assume uma dupla identidade. De um lado, continuamos a ter, no caso do trabalho manual, uma educação que se realizava concomitantemente ao próprio processo de trabalho. De outro lado, passamos a ter a educação de tipo escolar destinada à educação para o trabalho intelectual (SAVIANI, 2007, pg. 157).

O trabalho intelectual como um instrumento mediador se constituiu com a ligação da preparação militar, mas também para o status político. Por outro lado, o trabalho manual não exigia uma formação para os trabalhadores.

Considerando que segundo *idem ibidem* (2007), a relação entre trabalho-educação irá sofrer uma nova determinação com o surgimento do modo de produção capitalista. Através do sistema capitalista a educação sofreu grandes mudanças, já que o sistema econômico teve a necessidade de produzir e conseqüentemente se consumia mais.

O avanço produtivo se intensificou e a organização foi desempenhada e voltada para o processo de troca. Essa postura demonstra a união dos laços sociais se distanciando dos laços naturais.

O avanço das forças produtivas, ainda sob as relações feudais, intensificou o desenvolvimento da economia medieval, provocando a geração sistemática de excedentes e ativando o comércio. Esse processo desembocou na organização da produção especificamente voltada para a troca, dando origem à sociedade capitalista. Nessa nova forma social, inversamente ao que ocorria na sociedade feudal, é a troca que determina o consumo. Por isso esse tipo de sociedade é também chamado de sociedade de mercado. Nela, o eixo do processo produtivo desloca-se do campo para a cidade e da agricultura para a indústria, que converte o saber de potência intelectual em potência material (Idem, *ibidem*, 2007, p. 158).

Tomando como base esses elementos a escola, portanto, não precisaria ter uma referência direta ao trabalho (*idem ibidem*, 2007, p. 160). Básica e simultaneamente a escola, através da sistematização do saber, estabelece a transmissão do conhecimento para os integrantes que a compõem, neste caso, os indivíduos se apropriam dos elementos e dos instrumentos para estar situados dentro do convívio social.

Partindo desse pressuposto, Saviani (2007) considera que aprender a ler, escrever, contar e dominar os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais constituem pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive. Em conformidade com esses fatos, entendemos que é possível vislumbrar o homem como um ser ontológico onde conseqüentemente adquiriu conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento no meio social.

Voltando aos estudos de Saviani,

A compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não material, cujo produto não se separa do ato de produção, permite-nos situar a especificidade de educação como referida aos conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas que se travam entre os homens (SAVIANI, 2011, p. 20).

Sendo assim, a assimilação das informações naturais e culturais são imprescindíveis à composição da humanidade, em cada ser humano a um descobrimento de formas apropriadas para se atingir os objetivos. Dialogando com Saviani (2007), ainda é possível afirmar que,

Cumprir assinalar, também aqui, que se trata de um movimento dialético, isto é, a ação escolar permite que se acrescentem novas determinações que enriquecem as anteriores e estas, portanto, de forma alguma são excluídas. Assim, o acesso à cultura erudita possibilita a apropriação de novas formas por meio das quais se podem expressar os próprios conteúdos do saber popular (SAVIANI, 2011, p. 20).

Do mesmo modo, a escola é um instrumento que viabiliza a difusão do saber sistematizado. Assim, a cultura erudita toma base na arte, literatura, música, ciência e demais linguagens produzidas por uma elite intelectual ‘burguesia’. Ela é contrária, portanto, à cultura popular, que é produzida sem instruções acadêmicas ou formalizadas.

Por outro lado, a cultura popular é aquela que não se aproxima da cultura erudita, pois ela é restrita ao movimento cultural ligado ao dia a dia dos indivíduos. Sendo assim, a cultura erudita tem de certa forma um privilégio acerca de quem a compõe, além disso, se sobressai o aspecto relativo ao conhecimento elaborado, nesse caso a ciência.

Tendo como ponto de partida os processos ontológicos, é importante mencionar nesse momento que o jogo formalmente enquanto um processo histórico cultural concomitantemente nos insere formas de linguagens e significados que dentro do desenvolvimento da humanidade nós estabelece uma imensa importância diante do nosso objeto de pesquisa.

Desse modo, a descaracterização do jogo e a desumanização ligado ao princípio do trabalho, nos mostra o esporte como um ato ligado ao profissionalismo, mesmo que nos estimulem dentro do âmbito social, valores e a tendências de desenvolvimento.

Tal afirmação se reveste de suma importância em nosso estudo, uma vez que identificar em que medida o esporte está subsumido pelo capital e até que ponto permite ser apreendido e/ou praticado na forma de jogo com regras subordinado ao trabalho concreto é imprescindível para a promoção de críticas radicais (ir à raiz) em relação à sua reprodução em diferentes formas (espetáculos, fruição, educação etc.), bem como para se ter fundamentos científicos que melhor orientem a formação de professores de Educação Física e demais trabalhadores ligados a esse poderoso complexo (MARQUES JUNIOR, 2012, p. 32).

Bom, se a ontologia é o estudo do ser, de suas leis de desenvolvimento e de tendências emergentes, então o que vem a ser o ser? O ser, está caracterizado dentro do plano filosófico (Sofia), onde todas as coisas são existentes materialmente. Assim dentro desse procedimento é importante ressaltar a ontologia materialista e a idealista. Ainda que a ontologia materialista esteja na exterioridade à consciência, sendo o mundo real como princípio, logicamente a ontologia idealista explica as coisas como um primado da consciência.

Portanto, o esporte é conseqüentemente uma determinada relação ligada a esses fatos mencionados. Fatos esses explicados sobre a ontologia em Leontiev e por Saviani.

Marques Junior (2012, p. 33) corrobora,

A relação dialética entre fenômeno e essência reside no fato de que o fenômeno é sempre algo pertencente ao ser na perspectiva de algo que é – parte existente da realidade social – e, portanto, que participa da processualidade, porém não possui o caráter de continuidade. É exatamente

essa característica processual, este conservar-se dinâmico – que não significa ser eterno – que demonstra a inconsistência das concepções ontológicas que contrapõe essência e fenômeno, bem como aquelas que diluem a essência do fenômeno.

Por outro lado, não podemos negar a essência dos fenômenos, pois ela se articula com a necessidade da humanidade em exercer o seu papel social. Sendo assim, segundo Marques Junior (2012) nessa definição, pode-se dizer que não há informações para se supor uma contraposição entre essência e fenômeno fundamentada na relação do primeiro com a necessidade e do segundo com o acaso.

Isto é, tem caráter essencialmente histórico, ou seja, a essência se estende concretamente lado a lado da interposição do ser, basicamente assim, das formas fenomênicas a cada momento da existência. “Por analogia pode-se afirmar que o mesmo vale para o complexo esporte.

A essência do desenvolvimento esportivo está presente no desenvolvimento das formas nacionais de esportivização” (MARQUES JUNIOR, 2012, p. 34). Todavia, esse modo é decisivo para o desenvolvimento fenomênico esportivo, desde que para esse desenvolvimento acontecer haja uma complexidade de sua essência.

De forma cabe aqui,

Dizemos que o conhecimento sobre o esporte é negado e este fenômeno tratado como pseudoconceito porque ele é visto, hegemonicamente, como se resumisse aos elementos aparentes que o compõem, às suas representações primárias, portanto, àquilo que se apreende deste fenômeno a partir do cotidiano e da experiência concreta, assistemática e espontânea dos sujeitos com “os esportes”, usualmente em uma prática irrefletida (OLIVEIRA, 2018, p. 27).

Dentro do campo da Educação Física, fica evidente que muitas vezes a sistematização dos conteúdos são negadas, ou, muitas das vezes são repassadas de forma equivocada, mas por outro lado, a dicotomia entre corpo e mente traz indícios que o trato com o conhecimento específico sinaliza a busca pela transmissão das informações, tal que, nos traz evidências concretas sobre o desenvolvimento do fenômeno esporte.

Ainda no diálogo sobre desenvolvimento dos fenômenos,

Todas as criações humanas se destacam dos seus criadores e passam a pertencer à sociedade na qual estão inseridas. Mesmo que as objetivações criadas e, portanto, constituintes da totalidade social necessitem da mediação dos indivíduos concretos para existirem, tais objetivações sempre manterão em relação a esses mesmos indivíduos uma exterioridade e uma objetividade que só podem ser transformadas pela ação dos homens (MARQUES JUNIOR, 2012, p.37).

Por mais que o produto se destaque do criador, aqui voltando a mencionar o pressuposto da “segunda natureza” (LEONTIEV, 2008), o ato da produção mesmo que por casualidade retornará ao seu criador, já que o convívio social dará plenas condições para que esses fatores aconteçam.

Haja vista que para Marques Junior (2012), nesse processo ininterrupto de transformação da natureza e das objetivações produzidas a processualidade mais complexa tem relação simbólicas a linguagem, etc. Nesse sentido, a concordância diante dos fatos mencionados e, “portanto, tal constatação ontológica é fundamental para entendermos o surgimento e o desenvolvimento de complexos fundamentais, tais como a ciência, a política, o direito, a arte, bem como o jogo – e seu representante degenerado: o esporte” (IDEM ibidem, 2012, p.38).

É possível vislumbrar o jogo como papel fundamental para a reprodução dos valores e (res) significados, onde notoriamente e conseqüentemente vem a institucionalizar o esporte como um jogo composto que é atribuído a regras.

Tal constatação reveste-se de muita importância, [...] uma vez que aponta a força genético-causal e/ou dinâmico-causal do complexo social que ora estudamos, o jogo e, particularmente, sua forma evoluída de jogo com regras institucionalizado: o esporte. [...] há elementos no desenvolvimento ontogênico para supormos que o jogo é o complexo fundador da esfera da reprodução social na perspectiva da formação da reprodução consciente das ações envolvidas com o trabalho primitivo e/ou com a construção de instrumentos para dominar a natureza (IDEM ibidem, 2012, p.41).

A partir da relação jogo, esporte e ontogênese, a construção dos instrumentos que originalmente se estabelecem e dominam a natureza, surge a essência fenomênica onde a cada nível exercido de acordo com os feitos produtivos surge um ser mais elevado dentro da esfera da reprodução social (MARQUES JUNIOR, 2012).

Ora, se o esporte como um instrumento institucionalizado e alienado corresponde aos modelos produtivos de trabalho, ora, esses aspectos nos correspondem a uma posição precisamente limitante ao simbolismo e ao trato com o conhecimento relacionado ao jogo.

Contudo o próprio nível insuficiente de reflexão sobre o fenômeno, não é de se espantar que isto aconteça, afinal, a reflexão sobre o fenômeno torna-se compatível com o grau de desenvolvimento que o pensamento dos sujeitos se encontra (OLIVEIRA, 2018, p. 27).

O processo sócio-histórico encontra na natureza uma infinidade de suas capacidades onde vem a transformar e a produzir objetivações. Conforme dito por Marques Junior



[...] sendo a natureza a base ontológica para que o ser social se desenvolva de forma potencialmente infinita, e ao mesmo tempo proporcionando as limitações para seu desenvolvimento, tem-se que a natureza jamais será extinta pelo desenvolvimento da sociabilidade. (MARQUES JUNIOR, 2012, p. 48),

Tomando como base esses aspectos, preponderantemente as categorias sociais entre tempo e espaço, correlaciona acontecimentos influentes e sociais que determinam a relação e o ato da produção como reflexo promovendo algumas casualidades que vão se multiplicando ao longo dos tempos.

Sendo assim, estabelece aqui,

O desenvolvimento do trabalho, por isso, contribui para que o caráter de alternativa da práxis humana, do comportamento do homem para com o próprio ambiente e para consigo próprio, seja sempre e cada vez mais baseado em decisões alternativas. A superação da animalidade mediante o salto da humanidade no trabalho e a superação da consciência epifenomênica, determinada apenas biologicamente, adquire, portanto, com o desenvolvimento do trabalho, uma tendência a se intensificar perenemente, a se tornar universal (LESSA, 2002, p. 108-109 apud MARQUES JUNIOR, 2012, p. 49).

Além disso, esses aspectos sobre a causalidade e sobre a tomada de decisões alternativas indicam limitações, isso porque, essa vertente irá se distanciar da causalidade natural. “Vale lembrar que, na ontologia lukacsiana, o reflexo é um momento do processo de trabalho no contexto da busca dos meios. Portanto, é um momento fundamental de captura do real pela subjetividade” (MARQUES JUNIOR, 2012, p.50). Em tese, para que haja um desenvolvimento propriamente dito o pressuposto não material caracteristicamente estará distinto a objetividade material. De fato, a objetividade torna a uma realidade material e a outra a uma realidade não material.

Portanto, vemos aqui que o trabalho é uma categoria necessária para a composição da humanidade, de tal forma que se funda em processos ontológicos tendo como lógica a mediação dos fenômenos trabalho material (ligado aos objetivos) e não material (ligado ao natural).

Do que já foi discutido pelo diálogo com Saviani e por Leontiev, as relações emergentes tomam como base uma questão central para o nosso estudo. Dessa maneira, ao tratarmos do princípio jogo, fica evidente que o mesmo surge da consciência humana onde se representa como uma atividade reflexa ligada ao trabalho. “Portanto, no e pelo jogo o ser humano pôde experimentar “alternativas” – possibilidades de ser e de não ser – sem risco, numa situação imaginada, refletida e “relativamente” livre (MARQUES JUNIOR, 2012, p. 51). Portanto trata-se de uma atividade intrínseca que revela o ser e se reflete a cada momento histórico.

Ainda em texto,

Podemos considerar o jogo como uma atividade que reflete as características do trabalho em cada momento histórico, ou seja, tanto na dimensão da “busca dos meios” – basta citar que o desenvolvimento dos esportes de rendimento determinou inclusive o campo da “ciência do esporte” – como a “posição dos fins” e os valores que orientam os motivos particulares e/ou humano-genéricos de cada jogador/consumidor esportivo e/ou de um coletivo destes (MARQUES JUNIOR, 2012, p.41)

Ao citar o esporte como um processo verídico e estabelecido pelo rendimento, fica exposto uma posição contrária ao simbolismo jogo por casualidade/diversão, isso porque o rendimento se denota apenas como uma espécie de trabalho que se caracterizou pelo capitalismo.

Outrora essas feições subsidiadas pelo esporte moderno vêm a alienar a cada dia mais a humanidade, nos prendendo à atenção e muitas vezes se esquecendo como esse princípio se iniciou. Logicamente, grande parte da humanidade não sabe como se deu a gênese e como ela veio a se desenvolver, contraditoriamente, a humanidade não é obrigada a saber.

Por isso, conclui-se que o esporte está totalmente descaracterizado pela humanidade. Contudo, digo que não é errado ter um lado competitivo estabelecido, como também não é errado saber como realmente se deu essa especificidade. Alias,

[...] reveste-se da maior importância porque, analogamente, o complexo jogo, ao se deslocar do trabalho desde sua forma mais original (jogo protagonizado), também evolui para formas de jogos com regras que se distanciam de seu modelo de “jogo primário”. Portanto, os valores de uso que orientaram as primeiras manifestações lúdicas foram totalmente subsumidos pelos valores de troca da sociedade capitalista. Tal constatação é fundamental para nossas reflexões sobre a emancipação humana (im)possível no ensino do esporte escolar (IDEM ibidem, 2012, p. 54).

Como demonstrado por Marques Junior (2012) em sua citação, o parágrafo onde contém, “portanto, os valores de uso que orientaram as primeiras manifestações lúdicas foram totalmente subsumidos pelos valores de troca da sociedade capitalista”, contribui sobre o meu pensamento diante da descaracterização do esporte, onde o capital sempre vem a estar na frente do fenômeno ‘jogo com regra’ por assim dizer.

Oliveira (2018, p. 29) ainda colabora, a concepção de esporte defendida é contra hegemônica, pois procura apreender o fenômeno em suas mais ricas determinações. É interessante afirmar que a manifestação se dá pela lógica formal.

Em síntese, essa relação jogo, esporte e trabalho desenvolve processos valorativos e relações sociais. Marques Junior (2012) ressalta a sistematização dos elementos conceituais

sobre o desvendamento da individualidade dentro do esporte. Isso porque é considerável que cada indivíduo tenha uma educação esportiva, para que assim auxilie na personalidade dos mesmos como uma ferramenta exclusiva à consciência, entendendo assim os limites e as possibilidades enfrentadas diante do exposto.

Já para Oliveira (2018) o esporte como um conceito científico, ou seja, como um fenômeno cuja apreensão, no processo de apropriação e objetivação desta prática social, permite identificar seus traços essenciais e possibilidades de contribuição para o desenvolvimento humano em sua forma mais avançada. Esse desenvolvimento está situado no trato com o conhecimento para que a transmissão do esporte seja repassada sem está fragmentada.

Fica evidente que “o trabalho é a categoria genética dos valores porque é ele que originalmente funda o ser social. Isso não quer dizer que todas as categorias sociais possam ser “reduzidas” ou “deduzidas” do trabalho original” (MARQUES JUNIOR, 2012, p.65). De acordo com a posição do autor, a relação dentro dos complexos sociais, como arte, moral, ética, nos traz uma representação social dentro das categorias de trabalho. Conforme o jogo necessita da capacidade humana sendo relacionada ao trabalho,

[...] o complexo esporte representa um fenômeno exemplar enquanto processualidade do jogo originalmente articulada ao trabalho que se consubstancia e se reproduz como jogo com regras institucionalizadas e universalizadas pela mediação de valores e processos valorativos intrínsecos à sociedade capitalista (IDEM ibidem, 2012, p.66).

O indivíduo é cotidianamente forçado a lidar com esses fatores capitalistas onde toma consciência e tem a iniciativa de fazer escolhas que transitem na representatividade dos valores. “Desenvolver este conceito requer reconhecer a história, ou seja, reconhecer ao longo do desenvolvimento da própria humanidade, como o fenômeno esporte também se desenvolveu e a quais necessidades e interesses ele atendeu” (OLIVEIRA, 2018, p. 31).

Assim sendo, essas necessidades são impostas pelo capitalismo, e sim, o esporte atende as necessidades sociais, já que é um amplo campo que gera inúmeras rendas, seja ela para a comunidade atlética, ou seja ela para patrocinadores, ou seja ela para indivíduos comuns. Por outro lado,

No caso do ensino dos esportes, essa contraditoriedade é bastante notória. Por um lado, temos o poderoso esporte de rendimento carregado de valores estranhados da sociedade capitalista (individualismo, competitivismo, pragmatismos, tecnicismo etc.) que o transformou numa supermercadoria multiforme a ser consumida em diversas formas fetichizadas (jogador profissional, espetáculo televisivo, veículo propagandístico de valores burgueses ligados ao “sucesso” etc.). Por outro, temos a essência de jogo com regras que permite vivências humano-genéricas. Tal situação é bastante

evidente no caso do futebol brasileiro, e a quantidade de jovens que imagina um dia se tornar jogador de futebol profissional escolar (MARQUES JUNIOR, 2012, p. 67-68).

A ludicidade em que o jogo expressa aos jovens confronta um pouco a realidade que está vigente. Formas inadequadas ligadas ao futebol demonstram isso. A exemplo, atualmente quando um jovem ‘sonhador’ entra para a divisão de base de um determinado time, concomitantemente os pais têm que pagar uma espécie de auxílio permanência para que o seu filho continue a jogar/treinar.

Ora, esse fato está correlacionado aos modos de produção do capital, se o aluno paga bem, tem mais tempo em campo, sendo assim dando uma espécie de prioridade à frente dos demais. Esse demérito consequentemente quebra a especificidade do futebol/jogo. Por conseguinte,

[...] no caso do jogo, se expressaria principalmente no que diz respeito à predominância de determinados elementos, como, por exemplo, a representação dos papéis, a imaginação, o lúdico. Nos jogos de papéis, notamos que o elemento da representação fixa-se de forma mais ampla e concreta do que nos jogos esportivos, onde encontramos uma predominância do elemento agonístico, competitivo e de superação, em muito subordinado às regras da prática esportiva (OLIVEIRA, 2018, p. 32).

Considerando que, o fator esportivo tem suas vertentes Junior ainda cita,

[...] esporte, particularmente em sua forma “profissional” de rendimento, uma nítida aproximação entre “alternativas humano-morais” – culto à vitória, culto à competitividade, disputa entre particulares (adversários) etc. – e “alternativas econômicas” – “darwinismo social” pela lei “natural” do mercado, competitividade, “jogo” regulamentado por regras do direito burguês etc. Tal imbricação, inclusive, levou ao surgimento de uma corrente crítica do esporte (Teoria Crítica do Esporte) que propunha o banimento de sua aprendizagem e/ou prática (MARQUES JUNIOR, 2012, p. 71).

Em concordância com a posição dos autores, o lado competitivo tende a desenvolver o espírito pela busca do sucesso onde a manifestação sócio econômica possibilita e fortifica a tese que o esporte é um bem para todos.

Também se entende que o jogo é uma especificidade complexa onde as regras asseguram a organização para que haja a prática de maneira satisfatória. Dessa forma, segundo Oliveira (2018) o esporte apresenta pela exposição da personalidade, seja ela um apontamento ou de uma relação social de produção.

É possível dizer que muitas características ligadas a manifestação da cultura corporal nos trazem elementos desde a antiguidade até a chegada do esporte modernizado. Sendo assim, Oliveira ainda discorre,

Esporte é uma prática metódica de exercícios físicos visando o lazer e o condicionamento do corpo e da saúde, ou ainda o conjunto das atividades físicas ou de jogos que exigem habilidade, que obedecem a regras específicas e que são praticados individualmente ou em equipe. (IDEM ibidem 2018, p. 49).

Essa referência relaciona ao pensamento que, a prática ligada ao benefício corpóreo está intitulada apenas no campo do esporte, pois denota-se que dentro do jogo não se encontra essa definição. Por outro lado, Oliveira (2018) ainda colabora, se a saúde é um diferencial para o jogo e para o esporte nos situamos em um beco sem saída, já que ambos têm relação direta.

Diretamente essa perspectiva de que esporte é “saúde” é vendida pelo capitalismo como um processo de alienação, isto porque, é notável o acúmulo de lesões em que diversos atletas sofrem com a alta carga excessiva de treinamentos. Mas também o indivíduo comum não está livre dessas adversidades.

Diante dessa tensão relacionada e voltado a ludicidade trazida pelo jogo/esporte.

[...] acredito que um passo importante para o avanço do resgate do lúdico é romper, na escola, com a tentativa de separação absoluta entre jogo e esporte. Não no sentido de esportivizar os jogos populares e as brincadeiras, mas no caminho inverso, ou seja, para brincar de esportes, para tornar lúdica a tensão do esporte, para transformar o compromisso com a vitória em compromisso com a alegria e o prazer para todos. (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p. 199 apud OLIVEIRA, 2018, p. 67)

O esporte como um fenômeno propriamente dito, cujo está presente a muito tempo em nossas vidas, se relacionamos a esses fatos, e ligados ao período pré-histórico, será possível vislumbrar afeições ao atletismo. Logo, é claro, o atletismo como um modo de sobrevivência perante as situações adversas que percorria naquele período.

É preciso sair um pouco da perspectiva de rendimento e é preciso entrar um pouco mais no trato com o conhecimento e nas suas formas de sistematização. Não tão distante dessas perspectivas, Marques Junior (2012) caracteriza a superação de uma existência em que os indivíduos se limitam a reagir aos estímulos do meio em que vivem. É sabido dizer que precisamos sempre nos superar diante dos fatos, é claro que o trato com o esporte onde tem relação com o jogo é necessário que haja mais aprofundamento para que assim possamos defender uma determinada concepção.

Bravamente situamos até aqui a concepção de homem dentro do seu processo ontológico, e o esporte/jogo como objeto de pesquisa.

### 3. RAÍZES EUROPEIAS: UM BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE ESPORTE NO CAPITALISMO

Com o surgimento propriamente dito na grande Inglaterra e complementado pela elite burguesa, o esporte se desenvolveu diante da demanda imposta pela necessidade em entreter a classe elitizada. Dessa forma, o esporte começou a se organizar no meio civil, tendo um fator de engajamento, tal que, se tornou o principal berço para o capitalismo e para a divisão do país em decorrência da divisão de classes.

“Os esportes passaram a ser difundidos pelo mundo à medida que o Império britânico intensificava seu raio de ação e expandia seus produtos pelo mundo” (MELO 2011, p. 35). O processo acerca das relações sociais capitalistas impulsionou o avanço e a popularização dos esportes dentro das suas perspectivas, lazer, educação e rendimento. Mas por outro lado, esse avanço também se tornou forte em relação à classe trabalhadora, já que muitos eram submetidos à prática da ginástica como um molde relacionado à força de trabalho.

Em circunstância desses fatos, nesse período a classe trabalhadora ainda era impossibilitada de participar de competições, até porque o esporte ainda era uma manifestação cultural que somente a burguesia se apropriou por conta do tempo ocioso.

Os processos históricos atrelados ao fenômeno do esporte sempre responderam às necessidades de reprodução da sociedade capitalista. Na sua origem, o esporte é resultado da sistematização científica da ginástica que, ao longo do século XIX, passara a ser compreendida entre as diversas práticas corporais culturalmente construídas (PENNA, 2011, p. 67).

A ginástica mediante a uma prática da cultura corporal já era reconhecida pelo seu processo histórico e pela sua contribuição na formação dos indivíduos cultos e ‘fortes para a produção do trabalho’. Segundo Penna (2011), a ginástica passou a enquadrar-se sendo representada por regras, normas e preceitos básicos indispensáveis à formação do corpo do novo homem para a sociedade industrializada.

Conseqüentemente, essa forma descaracterizada de esporte para a complementação do trabalho ocasionou a ruptura em relação a teoria da continuidade. Segundo Penna (2011) a Europa se consolidou como o “lugar de formação de um novo homem e de uma nova sociedade regida por um 'espírito capitalista' que passa a dominar quase exclusivamente aquele presente”. Entretanto, por mais que a ginástica fosse um termo relacionado ao trabalho, essa junção formalizou um combate à saúde, fazendo com que o alto índice de mortalidade em que estava vigente naquele período caísse.

Não tão distante disso, Melo (2011) caracteriza essa relevância ganhou o pensamento médico-higienista, onde a centralidade foi atribuída aos cuidados corporais, dentre os quais os exercícios físicos, são partes desse processo. Por conseguinte, esses fatores ainda eram discutidos, já que os médicos e os professores de Educação Física eram considerados como ‘Deuses’ da boa saúde.

Com base na situação enfrentada pelo esporte, o fator neoliberalista nos remete a um princípio socioeconômico onde está impregnado ao desenvolvimento econômico político e a economia de desenvolvimento do Estado.

Penna (2011) afirma que o esporte é um mecanismo que serve predominantemente à ideologia dominante, pois ocorrem mecanismos de subversões da classe trabalhadora. Porventura o esporte constrói uma nova perspectiva de paz e harmonia entre todos os povos mundialmente, por mais que os fatores neoliberais ainda estejam fortemente impregnados na sociedade.

Logo nos tempos atuais esses fatores têm mudado com a passagem dos anos. A formação do novo homem e a modificação sociopolítica exigia que, “a edificação de um novo homem e uma nova mulher em conformidade com o tempo de generalização da industrialização demandou intensos esforços de educação da sociabilidade e de educação dos trabalhadores pelo conjunto da classe burguesa (MELO, 2011, p. 39).

Denota-se aqui o processo de repressão e de desequilíbrio onde está relacionado ao corpo próprio e ao corpo de outrem.

As mudanças porque foi passando o sistema capitalista implicou em alterações no papel do Estado na regulação de suas relações sociais constitutivas. A tese liberal de separação entre o Estado e a economia é um recurso discursivo muito eficaz na luta política na apresentação da ordem social capitalista como (supostamente) constituída por dimensões econômicas- limitadas ao que é chamado de mercado- e dimensões políticas- restritas ao Estado- independentes. Se os expoentes burgueses mais sérios sabem que a vulgaridade teórica dessa concepção guarda pouca relação com o real, no âmbito da luta política concreta não é incomum a menção a tal separação da economia e da política (MELO, 2011, p.45).

As alterações do capitalismo mundial tendo como função um variado acúmulo de elementos, tem-se por intermédio impactante o pensamento da prática política como anti sistêmica, onde a discussão acerca do Estado e da vida social capitalista torna-se fundamental para a compreensão desses elementos. Por outro lado, ainda é possível complementar,

Determina-se, assim, uma nova concepção do que seja o diferente ou o anormal, o aceitável ou o inaceitável, o útil ou o inútil. Condicionados por parâmetros efêmeros e transitórios, criam-se os novos rótulos da realidade

social que passam a nomear e reforçar a ideia daquilo que se encontra à margem do padronizado e do normatizado. Impõem-se desta forma as circunstâncias materiais estabelecidas pelo sistema (PENNA (2011, p. 71).

Fica evidente, portanto, que não se pode negar a característica cultural da história ou contrapô-la somente como um padrão corpóreo humano. No entanto, se em cada parte do planeta, esses elementos forem negados, irá ocasionar o desvio cultural e logicamente as normas, regras e condutas que são introduzidas no meio civil pelo Estado em relação ao capital irá caracterizar a separação entre a política e a economia.

Em conformidade com o mencionado, Melo (2011) descreve que essa referida separação formal do político e do econômico nada mais é do que o mecanismo de inserção do Estado nas relações de produção capitalista. Visto que isto leva à diferenciação do Estado liberal, já que o estado capitalista é o primeiro fator de argumentação da elite burguesa.

Corroborando com essa posição, pode-se afirmar,

Por sua vez, os estados nacionais – ao se valerem econômica, política e ideologicamente do mercado esportivo –, ainda buscam construir o mito da nação forte e soberana. No entanto, sob o domínio do imperialismo contemporâneo emerge a polêmica sobre o papel reservado aos estados nacionais (PENNA 2011, p. 73).

Ao tratar desse tema é possível afirmar que, o Estado é a relação entre o enfrentamento das classes sociais, onde os elementos confrontam a lógica em relação ao papel econômico que ideologicamente vem a tentar a construir grandes potências, tanto em gerir o capital como em gerir um modelo esportivo capaz de manipular uma parte da fração populacional a face da outra.

### **3.1. Apontamento iniciais da relação entre Esporte e Estado Moderno**

O Estado propriamente dito, é uma sociedade política cujo tem a função de zelar e de tomar decisões em nome do povo. Isso se deu pela forma de organização em que foi necessário intervir em prol dos benefícios populacionais, já que logicamente um aglomerado de pessoas não poderiam tomar decisões ao mesmo tempo.

Todavia, se exigiu desta forma, a escolha de uma pessoa ou de um pequeno grupo específico via sistema eleitoral ‘voto’, onde era possível de modo legal atribuir decisões. Logo esses fatos já eram vistos desde a antiga polis ‘Grécia’. Por outro lado, considera-se aqui que o verdadeiro Estado é o Povo, que de forma contraditória escolhe equivocadamente seus governantes.

Dentro dessa perspectiva, Bracht (2005) nos estabelece que o Estado capitalista é atravessado e é cortado de lado a lado pelas contradições de classe, ou seja, se constitui em



campo e é objeto da luta de classes. Dialogando com o autor, fica evidente que o Estado está ligado ao giro do capital, já que uma de suas principais funções nos indica a força do trabalho.

Se o Estado tem ao seu lado a força do trabalho, conseqüentemente é possível ligar-se ao esporte. Sendo assim, “o esporte surge e começa a se organizar no seio da sociedade civil inglesa. Se nos seus primeiros passos não há registros de maiores intervenções do Estado, hoje o quadro é completamente diferente” (ASSIS, 2009, p. 94). Por conseguinte, toma nota-se os elementos onde o Estado começa a se apropriar do esporte. Esses elementos nos submetem a fácil compreensão em que o esporte favorece a quem pratica, ou até mesmo se adequa a valores de prestígio nacionais.

Contudo, o esporte fornece um mecanismo onde as dimensões sociais políticas indicam efeitos compensatórios, até mesmo para instituições privados que,

Nos países capitalistas a organização esportiva via-de-regra define-se como urna organização da sociedade civil de caráter privado. No entanto, ela está sujeita ao quadro legal mais geral estabelecido pelo Estado, que vai então lhe determinar o grau de autonomia administrativa e política (BRACHT, 2005, p. 75).

Essa relação é reflexiva à medida em que a autoridade do Estado estabelece um grau de autonomia para essas instituições. Ainda assim, muitas dessas instituições têm um laço estreito com o Estado.

Além disso, o Estado caracteriza o esporte como um fator legitimador que é circulante na sociedade civil, que conforme Assis (2009), sinaliza o discurso preponderante do Estado sendo: esporte é saúde; confraternização e educação.

Ao tratar das instituições e do pluralismo,

Na teoria liberal do pluralismo, as organizações defendem os seus interesses independentemente do Estado. No corporativismo as ações das organizações estão fortemente predeterminadas pelo Estado. A teoria liberal do pluralismo parece, hoje, não dar conta das relações entre Estado e organizações da sociedade civil nas sociedades capitalistas. Diante dessa constatação e em função das limitações daquela teoria, desenvolveu-se a teoria do neocorporativismo. O que diferencia o corporativismo do neocorporativismo é o fato de que a interação com o Estado no neocorporativismo é voluntário, isto é, a organização pode, em princípio, a qualquer momento, romper tal interação (BRACHT, 2005, p 75-76).

Isto significa que o Estado não pode ser indiferente a ações ligadas a instituições, porque a autonomia nesse ponto resultará nos resultados esperados. Sendo assim se sustenta,

O Estado dá às organizações esportivas um reconhecimento público e as vezes as sustenta, mas em troca delega-lhes funções públicas e fá-las participantes

nas decisões referentes às políticas públicas para o setor esportivo. Para obter recursos públicos federais para questões do esporte, a associação precisa estar vinculada à organização esportiva reconhecida pelo Estado (BRACHT, 2005, p. 77).

Essa vinculação nos remete a relação entre patrocínio e patrocinador. Nesse ponto o Estado está como patrocinador onde irá contribuir financiando os eventos esportivos acerca da necessidade vigente, logo estampando a sua marca como patrocinador primário. E as instituições estarão como o patrocinado, onde irá trazer os resultados esperados, e será obrigada a demonstrar os cupons fiscais dentro da legalidade.

Aqui encontramos um elemento ligado ao rendimento onde é possível resolver algumas questões.

O esporte é caracterizado pela concorrência, pelo rendimento e pela competição, que são os “motores” da sociedade contemporânea, capitalista. Ele ritualiza bem, com a vantagem de mobilizar sentimentos de paixão, todo o processo social de afunilamento e exclusão onde, no início, no ponto zero, todos são iguais e, no processo, os competentes vão se estabelecendo. Na lógica dominante do esporte, a vitória é a meta (ASSIS, 2009, p. 95-96).

Por mais que seja necessário adequar-se à objetivação da dimensão rendimento, é nítida a especificidade que o Estado se propõe a fazer. Essa rotatividade em gerir o capital, ou de fazer com que instituições gestoras façam isso, o Estado ainda sai como o grande beneficiado dessas ações em que o esporte promove.

De acordo com (BRACHT, 2009, p. 82),

Se retomarmos a história da intervenção do Estado no setor do esporte, veremos que, inicialmente, no berço do esporte moderno, a Inglaterra liberal, a ação governamental tinha cunho/característica marcadamente controladora/restritiva: ou reprimindo/controlando a violência e arruaças que circundavam os eventos esportivos, ou mesmo proibindo determinadas atividades esportivas consideradas atentadoras à ordem pública.

Por esses motivos que o poder público começou a intervir mais em relação ao esporte e hoje em dia, por mais que o Estado vá na contramão do fenômeno esporte, sua expressão sócio política contribui para o desenvolvimento e avanço mesmo que intervindo. Ainda no texto o Estado pode intervir conforme dois modelos, sendo eles,

a) a total subordinação da organização esportiva ao Estado - como no caso do nazismo/fascismo e dos estados corporativos, como durante o Estado Novo no Brasil e nos ex-países socialistas, cujo caso paradigmático é o da ex-Alemanha Oriental (estruturas corporativas).

b) a intervenção seletiva ou subsidiária, com financiamento parcial via benefícios tributários, construção de instalações esportivas, preparação de

mão-de-obra qualificada, financiamento de pesquisas, etc. (estruturas neocorporatistas) (BRACHT, 2009, p.85).

Esses dois modelos são características sendo elas dos países capitalistas tendo como relação comum uma esfera econômica absurda. Ora, contraditoriamente, se o Estado não tem forças o suficiente para adequar ou para desenvolver sozinhos a prestação de serviços concomitantemente, esse estreitamento irá causar uma busca desenfreada por parceiros, sendo assim retomando a relação entre patrocinador e patrocínio. Por outro lado e nesse sentido, o Estado pode se esquivar de possíveis reivindicações ou de problemas eventuais, já que ele irá agir como um fator secundário dentro das estruturas sociais.

Corroborando com esse pensamento,

Obviamente, dada a correlação de forças representadas no conjunto da estrutura social, é possível que agentes ou grupos de interesses, atuem pressionando as estruturas institucionais quando o propósito é o de fazer valer interesses não-consensuados ou o de garantir o atendimento de demandas de um grupo social particular (VERONEZ, 2005, p. 122).

Essas características influenciam a forma de articular os interesses dos envolvidos já que o Estado irá se esquivar das futuras reivindicações e ao mesmo tempo e de modo isolado, irá se beneficiar tanto da apropriação do fenômeno esporte, como do capital.

### **3.2. Breve diálogo sobre a chegada do esporte no Brasil**

Considerando o diálogo tratado até aqui, reconhecemos que o esporte surgiu ao longo dos períodos tendo seu fundamento na relação ser humano natureza. dessa forma, compreendemos o esporte como um fenômeno cultural que é construído e representado pela humanidade. Um complexo fenômeno que é movido por regras onde se derivou do jogo popularmente dito, que dessa forma,

[...] o esporte é uma prática social (práxis) institucionalizada e, como tal, incorpora na sua materialidade institucional (aparelho esportivo) a mesma lógica hierárquico-organizativa delineada pela divisão social do trabalho e pelas relações de poder entranhadas nas relações sociais de produção, características da formação social e econômica na qual está inserida (VERONEZ, 2005, p. 138).

Portanto, ressalta-se mais uma vez aqui, que o esporte emergiu na Inglaterra e se multiplicou nos demais países como o Brasil, cujo fenômeno sociocultural que tem características modernistas e capitalizadas que transcorreu na formação econômica, mas também que transcorreu na busca de valores. Descrevendo esses fatores,

[...] podemos lembrar o uso dos esportes no Brasil, em dois momentos relevantes para a história do país. O primeiro nos remete ao longo período do governo de Getúlio Vargas (1930-1945), que soube se apropriar do esporte na construção de um novo homem, suficientemente forte para atender às demandas da nação em desenvolvimento e busca de soberania (PENNA, 2011, p. 90).

Nesse primeiro momento começou a emergir o que começamos hoje como uma sociedade de civis, uma sociedade regida pela força de trabalho, um conceito de ‘novo homem’, onde a postura do Estado foi totalmente contrária, já que não havia uma espécie de equilíbrio entre a sociedade civil e Estado. Por outro lado, ressaltando aqui como o segundo momento,

[...] à política implantada pela ditadura militar (1964- 1985), que se valeu da comoção nacional produzida pelos esportes, dentro ou fora da escola, para produzir corpos e mentes dóceis, orgulhosos de sua bandeira e em defesa da sua Pátria. Todo esse conjunto de sentimentos e de práticas precisava ser produzido em massa (IDEM *ibidem*, 2011, p. 90).

Entende-se que esses apontamentos, era uma estratégia eficaz para a construção de uma nova ideologia no Brasil. Contudo,

[...] desde já e sem medo de errar, que o Brasil ainda não experimentou situações de fortalecimento da sociedade civil a partir do Estado, ou seja, pelo viés de uma “estatolatria”. Mas, no terreno dos conflitos e da contradição, apesar da “via brasileira” ter sido de transformações pelo alto, podemos afirmar também que dos anos 1930 até o primeiro governo civil após o período de ditadura militar, o Brasil vive um longo processo de ocidentalização, em busca de um maior equilíbrio, de uma “justa relação” entre Estado e sociedade civil (ASSIS, 2009, p. 70-71).

Nesse trajeto a autonomia autoritária do Estado ocorreram movimentos declarados como hegemônicos seletivos, que por clareza buscou-se um consenso a fim de fortalecer os laços entre a sociedade civil. Toma nota-se que a influência da cultura europeia advinda dos esportes colaborou para que o número de adeptos ganhasse força.

Por outro lado, o Estado considerava que o povo brasileiro não era totalmente qualificado para a força de trabalho, mesmo tentando criar um conceito de novo homem. Além disso, o Estado passou a incentivar a entrada de imigrantes no Brasil dando passo para a entrada de empresas.

Mediante ao exposto, o povo brasileiro considerava os ingleses como pessoas educadas, refinadas, competentes e civilizadas, do mesmo modo, a convivência fez com que uma parte dos indivíduos aprendessem seus jogos e passatempos, sendo especialmente os esportes.

Divergindo de alguns fatos como o processo hegemônico Assis versa o assunto considerando,

A presença forte do Estado, com a dominação sem hegemonia ou com hegemonia seletiva, não significa a consolidação de sua dimensão pública, pois está sempre a serviço de interesses privados, como de resto é característica do Estado capitalista em geral (ASSIS, 2009, p. 71).

Incansavelmente a exposição capital, Estado e instituições privadas aparecem fortemente, tanto na relação com a força de trabalho, como também ocasionada pelos esportes. Isso, de fato, não é gerado pelo acaso, ou é uma mera coincidência. Isso de fato é gerado pelo poder aquisitivo que o esporte transmite dentro da relação de trabalho.

Isso se dá ainda pela maneira em que a política social se insere na divisão da luta de classes articulando-se no processo antagônico dentro do campo de atuação. Antagônico porque é uma estratégia do Estado dominante.

Aqui dentro desse diálogo não iremos introduzir todas as passagens do esporte dentro do Brasil, já que a cada período governamental foi criado programas diferentes, portanto, ao citá-los, pode descaracterizar o desenvolvimento do objetivo da pesquisa.

#### **4. A RELAÇÃO CONTRADITÓRIA DO CARÁTER EDUCATIVO DO ESPORTE**

O Brasil é reconhecido no mundo, especialmente, por sua paixão pelo esporte. Nosso País é sempre mencionado em outros países por nosso ânimo nas competições esportivas ou pelos grandes atletas aqui formados. O jeito contagiante de ser brasileiro está muito relacionado ao esporte e ao seu desenvolvimento, mesmo que muitas vezes equivocadamente

Contudo, o esporte não se dá apenas pelo rendimento ou pelo capital gerido pelos Megaeventos, mas sim, temos que entender e exemplificar o esporte como um conteúdo em que deve ser sistematizado e apropriado dentro da Educação Física.

É quase uma unanimidade entre as correntes pedagógicas da Educação Física que o esporte deve ser tematizado nas salas de aula. O que vai diferenciar tais abordagens é a forma na qual esse conteúdo se materializa, que é de fundo, a temática desse trabalho (NOGUEIRA, 2015, p.9).

A princípio é importante dizer que é necessário entender que o esporte não é início e nem meio, mas sim, fim em si mesmo, portanto é cabível dizer que dentro desta dualidade é preciso enquadrar qual a finalidade em que o esporte pode contribuir com a sociedade, dentro dos processos técnico e táticos aqui simbolizando o rendimento, ou da sistematização à luz da crítica emergente em que estamos trabalhando.

Conforme foi mencionado, o esporte propriamente dito faz parte da cultura corporal que é tematizada dentro da abordagem crítico-superadora, onde se apropria da pedagogia histórico-crítico e trabalha na busca das respostas emergentes dos fenômenos que constituem a Educação Física.

Deixo claro que não estamos excluindo as outras abordagens da Educação Física, dessa forma encontramos algumas abordagens como a da Promoção da Saúde, que segundo Escobar (2009) [...] impede os estudantes a possibilidade de desenvolverem o pensamento e a atitude crítica na escola, atitude que se constrói por meio de ações, resoluções, criações e idéias à luz de teorias, leis, regras, princípios ou normas específicas correspondentes com a realidade. Sendo assim, ao utilizar essa abordagem como quesito sistematizador ligado ao esporte, pode trazer interferências de cunho pedagógicos, pois se faz necessário tratar o esporte de forma crítica e não somente em um modelo ligado à aptidão física.

Por outro lado, nos deparamos com a abordagem Construtivista, que segundo Silva (2008) é uma corrente de pensamento que defende uma dada concepção de homem e de como este homem se aproxima, internaliza e se constitui diante de diferentes objetos de conhecimento. Por mais que esta abordagem se refira a concepção de homem, é inteligível que nos traga referências do homem a-histórico, além disso, é categorizado pela desumanização social.

Chegando à abordagem Crítico emancipatória e ligado a fenomenologia referida pela escola de Frankfurt, é possível dizer que,

a educação física escolar é compreendida como uma disciplina que no interior da escola deverá organizar o conhecimento da cultura corporal de movimento de forma que seus conteúdos sejam compreendidos criticamente pelo(a)s educando(a)s. As competências objetiva, social e comunicativa devem ser organizadas no interior de processos pedagógicos caracterizados pelo trabalho, interação e linguagem objetivando a compreensão crítica do fenômeno esportivo entre outros. Essa compreensão crítica será a chave do esclarecimento que abrirá às portas da emancipação do aluno e da aluna compreendidos individualmente. “E, para desenvolver com os alunos metas emancipatórias, considero condição primeira promover a capacidade de ser crítico, o que quer dizer ‘saber questionar’ (KUNZ, 2004, p. 16 apud ARAÚJO SILVA, 2009, p.10).

É nítido que se trata de uma abordagem que nos traz contribuições importantes dentro da escola e dentro do ensino esporte. Contudo dentro dessa perspectiva a crítico emancipatória se trava no seu modelo avaliativo, onde o próprio aluno quando adquire o fator do senso crítico, automaticamente ele poderá se avaliar deixando o professor a margem. Problematicamente essa forma nos mostra uma falha em que à abordagem crítica superado tenta nos responder.

A concepção da formação humana universal e sobre os rumos da educação das futuras gerações é uma disputa tomada que se especifica, especialmente, nas conjecturas pedagógicas. Sendo assim, é possível entender a abordagem Crítica Superado como uma

concepção de formação (educação) e do projeto histórico que a fundamenta imprime uma determinada 67 direção: a formação unilateral (fragmentada, alienada) essencial para a manutenção do projeto histórico capitalista ou a formação omnilateral que, por ter limitações em se desenvolver na sociedade edificada sob a propriedade privada dos meios de produção da existência, aponta como pressuposto fundamental para a consolidação dessa proposta de formação humana, a necessidade da superação/transição do atual projeto histórico – capitalista -, para o projeto histórico socialista (SILVA, 2011, p. 66-67)

Considerando que a escola é formada por objetivos e projetos históricos, e ao se apropriar da abordagem Crítico Superadora, se fez necessário obter respostas críticas que rompessem a terminologia do ensino precoce do esporte da escola sendo necessário superar os paradigmas que estão situados em torno do processo educacional.

[...] as práticas corporais que constituem a educação física, assim como o esporte, são fenômenos próprios dos seres humanos, da cultura, e que, em perspectiva educativa, constituem-se como parte do conjunto do saber sobre a produção humana e que devem ser socializadas. Sendo também necessário entender as atividades esportivas como atividade não material, o que não significa desconsiderar que elas advêm do processo produtivo e que estão inseridas nas relações contraditórias das classes sociais (NETO et al 2018, p. 175-176).

Como já sabemos, nós seres humanos transformamos os jogos em atividade de trabalho que com o avanço dos anos foi nomeado como esporte ou ‘sport’, que conforme Neto (2018), o esporte tornou-se hegemônico e ao mesmo tempo funcional, portanto é contraditório e dialético. Notoriamente o esporte e Educação Física estão literalmente ligados.

A escola visivelmente na maioria das vezes é o local que as crianças, jovens e adolescente tem o primeiro contato com a sistematização do conteúdo esporte. Apesar disso, muitas vezes o conteúdo se dá apenas pela prática estabelecida pelo rendimento, o que banaliza a especificidade a acerca da proposta pedagógica.

Nas escolas, a reprodução do Esporte de Rendimento nas atividades esportivas significava uma deturpação de objetivos, pois, em vez de busca de uma formação educativa, os educandos eram estimulados à obtenção de resultados esportivos, muitas vezes em detrimento de preceitos educacionais (TUBINO, 2010, p. 65).

Por mais que o autor não dialogue com a abordagem trabalhada até aqui, é cabível mencionar sua visão acerca da entrada dos esportes dentro da Educação Física. Inclusive é

válido dizer que todos esses hábitos geridos integralmente pela busca dos resultados formam aspectos contraditórios.

Logo, dentro da dimensão esporte de rendimento há várias possibilidades de sistematização de forma adequada e com o propósito de contribuir para a formação dos estudantes. Por outro lado, Taffarel (2001) aponta que o esporte, enquanto bem cultural, historicamente produzido, socialmente apropriado, está subsumido ao controle ideológico dos aparelhos de poder, da mídia, da escola capitalista e do Estado burguês.

Dessa forma, Taffarel (2001) toma algumas posições contra algumas ilusões expostas e impostas que se consolidaram pelo esporte rendimento tendo relação com o Estado, ainda sim, explicando o modo idealista dentro da área da Educação Física onde não buscam coerências e semelhanças.

Taffarel (2001) ainda desenvolve uma crítica à separação entre premissas teóricas e programáticas, que negam as leis e categorias do materialismo histórico dialético, que negam a luta dos contrários e o salto qualitativo da quantidade em qualidade. Ainda é difícil que a crítico-superadora responda a todos os vieses que estão impostos, mas é uma das principais referências que se aproximam dos objetivos relacionados, esporte, divisão de classes, trabalho e educação. “Tudo isso sem perder de vista os objetivos relacionados com a formação corporal e física dos alunos, mas situando-os no âmbito da vida real de uma sociedade de classes que necessita ser revolucionada” (TAFFAREL 2001, p. 10-11).

É preciso que, na educação física escolar, o esporte não seja tratado apenas com aspectos técnicos e táticos, o que ocorre quando há superioridade da aptidão física superando a coletividade, solidariedade e respeito ao próximo.

Nesse ponto se destaca os mais hábeis, o que exclui os demais em adquirir conhecimentos, ou até mesmo em compor a prática. Para Nogueira (2015), [...] durante as aulas, é preciso criar, através dos conteúdos, a possibilidade de interpretação e crítica do atual contexto socioeconômico político-cultural.

O ponto de partida para tal feito, é inicialmente selecionar os conteúdos, onde irá caracterizar, a prática social inicial, a instrumentalização, a problematização, a catarse e a prática social final.

Contudo e conforme a abordagem crítico-superadora e sobre a sistematização do esporte dentro da Educação Física é coerente afirmar,

a que melhor tematiza a questão “esporte” para as aulas de educação física é a Crítico-Superadora, pelos diversos fatores citados na discussão do texto e aqui destacando os principais: 1- assume um projeto de sociedade, o socialista,



representando os interesses históricos da classe trabalhadora, apontando para a ruptura da sociedade de classes; 2- tematiza o esporte enquanto fenômeno construído pela humanidade e como expressão da cultura corporal; 3- o faz apontando as mediações entre esporte enquanto prática corporal e esporte de alto rendimento, cooptado pelo capital e explorado pela mídia (NOGUEIRA, 2015, p.14).

Considera-se aqui, que é fundamental o papel contra hegemônico em que a escola está inserida. É nítido que há possibilidade do trato pedagógico e da sistematização do conteúdo esporte dentro da Educação Física escolar. Se faz necessário o trato do esporte sobre uma perspectiva dialética onde possibilite a dissolução e a compressão crítica dos conteúdos. Sendo assim finaliza,

Entende-se que se deve trabalhar com uma nova perspectiva de esporte, ou seja, trabalhar o domínio do saber fazer esportivo, ou seja, realizar aulas que possibilitem o conhecimento dos elementos técnicos e táticos dos esportes, mas não se restrinjam a essas possibilidades. É necessário ir além. Precisa-se trabalhar a reflexão crítica dos alunos através de uma leitura dialética do desenvolvimento desta prática corporal enquanto fenômeno humano, tal como suas relações com o socio metabolismo do capital (NETO et al 2018, p. 180).

Por mais que haja muitas competições dentro do contexto escolar e por mais haja um processo de alienação onde deva ser combatida, é sabido dizer que o esporte educa, desde que os alunos aprendam a ter uma visão crítica diante dos conteúdos sistematizados e que se estabeleça uma relação de compreensão e de interação dos demais alunos.

#### **4.1. Esporte da escola e esporte na escola: elementos para uma crítica superadora**

As práticas do esporte vêm sendo escolarizadas dentro da escola ao longo dos séculos. Como um componente curricular dentro da disciplina da Educação Física, o exposto está caracterizado por vertentes relacionadas à Cultura Corporal. Sendo assim, Taffarel (2001), corrobora caracterizando o esporte como, um patrimônio que é apropriado pela mídia, pelo estado burguês ou pela escola capitalista onde vem servindo como um sistema violento de destruição.

Todavia, essa é a base para entendermos a perspectiva esporte da escola ou esporte na escola. O esporte é um fator regularizado dentro da sociedade, por outro lado, significa ser uma garantia de adequação dentro da Educação Física escolar.

Contudo há um paradoxo que a Educação Física só seria regularizada na escola da forma que imprimisse elementos culturais onde ao mesmo tempo transmitisse códigos e linguagens específicas para o ensino.

Dessa forma, Assis (2009) nos remete dizendo, o esporte sempre educa, ainda que a educação não seja neutra, nem essencialmente boa. Ainda dialogando com Assis (2009), o autor estabelece perguntas necessárias para que haja entendimento do pressuposto esporte da escola, perguntas essas que são simplificadas aqui como, o que se aprende e o que se ensina como esporte e com o esporte?.

Ao responder essas perguntas, é possível dizer que o esporte na escola deve ensinar e sistematizar o trato com o conhecimento específico, trazendo fatores sociais, econômicos e políticos de forma crítica, onde irá buscar a transmissão dos códigos, valores à luz do ensino.

Mas por outro lado, outras perguntas aparecem, perguntas como, o que ensinar? Como ensinar? Porque ensinar? E como avaliar? Ao responder as perguntas encontramos. Ensina-se os conteúdos relacionados à cultura corporal para que haja um senso crítico à luz da realidade.

Ensina-se dessa forma mediante aos fatos estabelecidos onde precisará que os alunos aprendam uma resposta. O porquê ensinar dessa forma, pelo seu valor sócio-histórico, onde é necessário entendermos como se deu e como está nos tempos modernos, e se avaliasse dessa forma, a medida em que os educandos estejam hábeis e ao mesmo tempo aprendam a relacionar o esporte da escola e o esporte na escola.

Por fim, Assis (2009) finaliza e problematiza, [...] o esporte e a escola vivem em permanente tensão. Por um lado, o esporte se encaixa perfeitamente numa perspectiva educacional que seleciona e especializa. Por outro, ele contraria alguns rituais básicos da escola. O esporte se encaixa na escola porque traz bons aspectos relacionados ao trabalho desde a sua gênese.

Entretanto, é contrária por sistematizar apenas o fator rendimento. Afinal,

Reafirmamos a Educação Física como uma disciplina escolar destinada ao ensino de conteúdos selecionados do universo da cultura corporal e/ou esportiva da humanidade, orientada pela teoria pedagógica que procura as regularidades ou o que há de comum no ensino das diversas disciplinas escolares. (TAFFAREL, 2001, p.7).

Portanto, o esporte deve ser da escola e não na escola. Deve ser um esporte formador de indivíduos com um senso crítico e não um esporte formador de atletas. “Só assim a Educação Física e dentro dela o Esporte enquanto conteúdo de ensino e aprendizagem estará cumprindo sua responsabilidade social e justificando sua razão de ser e de estar na escola” (TAFFAREL, 2001, p. 10).

#### **4.2. O esporte de rendimento na escola: criticar para superar**

Por mais que o esporte de rendimento verse um fator propriamente dito educacional, seu símbolo está sendo equivocadamente ensinado no âmbito escolar. Segundo Assis (2009), ao tratar do esporte, convidando-o a entrar ou aceitando-o como inquilino, a escola não tem sido capaz de garantir o acesso prazeroso ao conhecimento.

Isso ocorre porque o aluno não tem a opção de aprofundamento do conteúdo específico, já que o esporte de rendimento seleciona os mais hábeis, e ao mesmo tempo exclui os demais alunos precarizando assim o ensino. Para Taffarel (2001, p. 10)

O resgate do significado pedagógico das aulas de Educação Física e do trato com o conteúdo Esporte cuja perda ficou demonstrada na exclusão, no próprio interior da escola, de milhares de crianças que foram afastadas, e continuam sendo, da prática das atividades corporais, jogos e esportes e que veem desqualificadas suas aptidões antes mesmo de terem a chance de se apropriar do conhecimento necessário ao seu desenvolvimento.

O fato é que o rendimento é caracterizado e exaltado por uma complexa questão de investimentos e de formação atlética. Esses fatores são percebidos quando adentramos nas aulas práticas da disciplina Educação Física onde os alunos tendem a escolher qual prática irá ser sistematizada no dia. Esse tipo de categoria de ensino, não pode estar dentro das aulas, já que o professor é a autoridade máxima dentro da sala e ao mesmo tempo tem que impor uma prática que agregue e que restrinja os aspectos ligados ao rendimento.

No entanto, Vaz (2001) aponta outro aspecto do esporte, o pragmático, porque as técnicas que desenvolvemos para ele são fundamentais para um melhor desempenho, fazendo com que dominemos melhor o próprio corpo em movimentos firmes e eficientes.

É sabido dizer, que por mais que o esporte movimente o corpo e exija um domínio específico para a composição das práticas, é de valia mencionar e sendo contraditório a posição do autor, dentro da escola esses aspectos devem ser transmitidos a todos, não sendo somente para os mais habilidosos. O que vemos dentro do trato do esporte ligado ao rendimento é a produção de atletas para os jogos escolares, ou para satisfazer o sonho do aluno em ser um grande atleta de renome.

Volto a dizer, a escola é um espaço de aprendizado sistematizado, um espaço para a busca do saber, mesmo que o rendimento seja um campo de estudo. Taffarel (2001) critica a posição de Vaz, onde caracteriza os fatos da persistência do dualismo corpo - mente como base científico-teórica da Educação Física que mantém a cisão teoria/prática e dá origem a um aparelho conceitual desprovido de conteúdo real, entre eles o conceito a-histórico de esporte e das suas classificações.

Ou seja, os conhecimentos que nos valem é o conhecimento que é possível enfrentar e responder os equívocos da sistematização inadequada do esporte de rendimento, cujo teoricamente a escola pode contestar e debater através do Projeto Político Pedagógico estratégias necessárias para termos uma boa sociabilização dos conteúdos da educação Física sendo o esporte.

Sendo assim, Lovisolo (2001) complementa, o esporte é aquilo que fazemos com ele, e não o que ele é. Ao concordar com o autor, é nítido que o rendimento pode e deve ser sistematizado no campo escolar, mas deve ser sistematizado a composição valorativa, onde irá se esquivar da atual produção atlética.

As ciências, as artes, os esportes não podem estar fora da escola. Como não podem ficar fora da escola tarefas importantes como cuidar da natureza, da cidade, do lar, das crianças, dos fracos, dos doentes e dos velhos. Defendo, por isso, que os bolsistas da pós-graduação tenham a obrigação de devolver à sociedade o que está fazendo por eles, cuidando dos aspectos acima mencionados, como prática de ideias (LOVISOLO, 2001, p.115).

Dessa maneira, podemos reforçar os valores aquisitivos em que o esporte nos traz, sendo ela com base nos conteúdos teórico/prático, cuja a ideia é a de apropriação do fenômeno modificando a expressão imposta pelo capitalismo, pelo Estado e pela escola burguesa, que muitas vezes trata o esporte como uma ferramenta de trabalho.

Finalmente, ao tratar o esporte de rendimento nas aulas de Educação Física, é importante que haja um objetivo de reorganizar e de construir o saber sistematizado para a produção, e para a participação e apropriação de todos os estudantes, de forma crítica, ao esporte de rendimento na escola.

### **4.3. O ensino da técnica esportiva nas aulas de Educação Física: para além do tecnicismo**

A necessidade do ensino da técnica se dá pelo fato de que dentro da educação o pressuposto do não ensino, trava uma questão da negação do conhecimento, pois o ensino da formulação correta da técnica atribui e contribui no processo de conhecer o objeto em suas diferentes possibilidades para desenvolver uma determinada atividade bem.

Mas, para que possa haver a constituição dessas atividades, é necessário que haja um domínio coeso da técnica, além disso, dominando-a corretamente uma determinada atividade ou um determinado fundamento, irá possibilitar inventar e inovar novas formas de como proceder o objeto. Portanto, a técnica é de fundamental importância para a sistematização do conhecimento, independente da disciplina ou dos conteúdos a serem aplicados.

Segundo Pinto (1960), parece-nos que a essência da técnica, o que lhe confere a natureza de processo, é a acumulação qualitativa do trabalho. Ao abordar a temática sobre a essência do trabalho, Pinto ainda caracteriza dois modelos que se enquadra dentro da técnica, entre eles temos o Know how que é o fazer algo bem, ou, é a resolução conclusiva dos resultados, além disso idem ibidem (1960, p.74) ainda afirma, “neste primeiro sentido, técnica é a repetição cuidadosa de atos aprovados aprendidos, como os mais eficientes para a produção de um efeito útil; é, então, a técnica como amostragem humana para o "fazer bem"”.

Assim, podemos considerar a técnica como uma essência e como algo natural da humanidade. Por outro lado, temos o segundo pressuposto que é o do fazer novo, como o nome já sugere, é o efeito de sugerir e de criar novas possibilidades e propostas, sendo assim, é a estimulação da consciência ‘imaginação’ humana (PINTO, 1960).

A técnica não consiste, por conseguinte, num atributo dos atos vitais em geral, mas somente caracteriza aqueles que o homem executa em razão da condição existencial de produtor de si. Qualquer reflexão filosófica sobre o conceito da técnica que a considere como simples *modus faciendi*, mas não se interesse pelo sujeito executor nem procure determinar o significado dela enquanto aspecto base do modo social de produzir, desvirtua esse conceito e deixa na sombra a maioria de suas notas inteligíveis (PINTO, 2005, p. 156).

A técnica assumidamente é a expressão dinamicamente do exercício humano, é a compreensão e a apreensão dos objetivos, é a finalidade dos atos executados. Embora esta temática ainda seja polêmica, é preciso destacar o entendimento e a compreensão da técnica dentro do fenômeno esporte, onde está coordenado em quatro aspectos. Nestes aspectos temos o cenário, os personagens, os significados e as modalidades, contudo é preciso explicar separadamente cada um deles.

“O contato com o mundo do esporte acontece desde muito cedo para o ser humano, através dos meios de comunicação. Poucos, com maior proximidade ao esporte, acabam praticando-o em ruas, praças e escola” (MILIOLI E ORTIGA, 2015). Ao concordar com os autores, estamos falando aqui dos significados em que as práticas esportivas nos estabelecem, onde vem a gerar motivação para atribuir na composição da prática preferida.

Por outro lado,

uma das críticas mais duras que o esporte sofreu, tem origem na constatação de que seria ele, com suas técnicas e regras, uma forma de domínio do corpo e de suas expressões, o que, por sua vez, estaria relacionado com o predomínio da ordem econômico social capitalista (VAZ, 2001, p.87).

Nesse momento encontramos o cenário, que entende o contexto em que ocorre as práticas sendo sustentadas pelas regras, técnicas, ou, muitas vezes, pelos fatores

socioeconômicos que caracterizam a classe social, e que ao mesmo tempo situa quem deve complementar e quem pode praticar um determinado esporte. Deixo claro aqui, que nem todos os esportes tem fácil acesso para o público, principalmente para o público que fica à margem da sociedade. Portanto o esporte muitas vezes se limita há quem, há onde e há como praticar e a simbolizar o exposto.

Dentre diversos equívocos que nos chamam à atenção, as modalidades esportivas sendo coletivas, sempre tiveram espaço dentro do realismo escolar, com suas práxis pedagógicas muita das vezes sistematizadas equivocadamente, a aceitação dos alunos justifica a aplicação das técnicas onde desequilibra o saber científico.

As modalidades têm o dever de conhecer as especificidades e as suas particularidades. É dever do professor equilibrar a busca do saber, mesmo que sistematize a composição da técnica que também é importante para o entendimento e para o ensino, mas que também na função teórica, esses aspectos aparecem para explicar e para gerar o saber crítico aos alunos.

É nítido que, as técnicas se relacionem aos esportes de rendimento, “e ao mesmo tempo que sejam críticos do esporte, provoca uma tensão em seus discursos que, às vezes, pode levar a posições que outros decodificam como contra o esporte (LOVISOLO, 2001. p.110). Os argumentos podem até rejeitar o ensino do rendimento, mas nesse ponto, não podemos ser contraditórios a ele, já que o mesmo é uma especificidade ou fenômeno dentro da matriz esporte como um todo.

Por isso, é importante relacionar as contradições do esporte de rendimento dentro do processo da formação humana, sendo compreendido e sistematizado nas aulas de Educação Física. Compreendendo que esporte envolve sentidos e significados, é importante mencionar outros conceitos para o ensino e aprendizagem da técnica, dentre eles temos o **método** que se refere aos procedimentos de regras e de intervenções para uma determinada finalidade, **a didática**, é a parte pedagógica que teoriza o saber científico e que orienta a atividade educativa, sendo ela importante para o ensino da técnica.

A **sequência pedagógica**, é as etapas que ligam a um processo mais eficiente de ensino, o **procedimento pedagógico**, é o processo intencional que tem o objetivo de possibilitar o acesso ao conhecimento erudito, pôr fim a **metodologia de ensino**, é a aplicação dos diferentes métodos de aprendizagem, que possibilitam quais os caminhos em que os alunos podem chegar.

Contudo isso “significa que temos que dar ao esporte da escola um sentido diferente daquele que possui o esporte de rendimento e que não devemos nem podemos subordinar se inconscientemente à técnica pelo seu valor” (LOVISOLO, p.109).

Assim a técnica é o domínio dos gestos (modo de fazer) por meio da repetição, portanto, quanto mais você pratica, mais você aprende, e ligando esses pontos, as técnicas não ajudam somente nos esportes, mas sim no processo educativo, onde quanto mais você estuda, mais conhecimento científico você adquire. Vaz (2001) ainda completa ao considerar a questão da técnica muito importante, também quando ela se relaciona ao esporte, seja ele praticado nas escolas, nas praças, ou nos hospitais psiquiátricos. Essas questões nos fazem refletir sobre a importância do ensino da técnica.

Conforme mencionamos, sobre a importância da técnica, é interessante relacioná-la com a tática. Através desse seguimento a tática é a razão do fazer, dentro desses processos temos pressupostos que se referem aos exercícios analíticos, esporte sincronizado e situação de jogo.

Para Vaz (2001) uma das características que justamente nos fazem humanos é a capacidade de produzir meios - técnicos ou tecnológicos - para alcançar fins. E ao seguir essa linha de raciocínio os **exercícios analíticos** estão relacionados com aperfeiçoamento da técnica, sendo a sua execução muitas vezes desvinculada a situação do jogo/esporte, o **esporte sincronizado**, é a utilização de dois ou mais fundamentos no mesmo exercício a fim de aprimorá-lo, 'pura técnica', e a **situação de jogo**, simula as situações reais do jogo/esporte em momentos isolados, exemplos 1x1, 2x2, 3x1, 4x4, essa é a situação da técnica avançada. Assim finaliza,

A hiper valorização da técnica, contudo, não nos pode levar a uma hiper valorização romântica da destecnificação; a hiper valorização da ciência não deve fazer que nossa reação seja uma hiper valorização do mito, pois, no fundo, a primeira hiper valorização significa o mito da ciência. Assim, a reação seria autocontraditória, ataca o mito com outro mito (LOVISOLO, 2001, p. 114).

Ou seja, é importante respeitar os conteúdos e as fases do processo de aprendizagem, deve diversificar a aprendizagem dentro das modalidades a serem ensinadas e introduzi-las no processo e no estímulo das habilidades motoras básicas. A técnica não antecipa o pensamento, mas o pensamento é acelerado, portanto, para que haja o desenvolvimento e a compreensão da técnica, o pensamento estará sempre à frente da ação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dessa pesquisa permitiu entender e esclarecer alguns pontos em torno do pressuposto esporte. Pontos majoritários que ligam a essência do processo educacional ao fanatismo do fantástico esporte de rendimento.

Sendo assim, o objetivo estabelecido foi compreender a relação entre o esporte de rendimento da escola e na escola. Contudo, entendemos que historicamente o esporte se constitui a partir da relação ser humano e natureza.

Dessa forma, o exposto veio a estar sistematizado muitas vezes de maneira equivocada, onde alguns autores defendem a posição do ensino do rendimento na escola e outros autores defendem a retirada do esporte de rendimento das escolas. Entretanto, faz-se necessário o ensino crítico do esporte de rendimento à medida que se estabeleça parâmetros curriculares para que seja possível romper paradigmas contraditórios que estão em torno deste fenômeno.

Fica evidente que a essência trazida através das raízes europeias compôs por muitos anos a postura esportivista, a fim idealizar sua cultura dentro da classe trabalhadora como um molde ligado a força do trabalho.

Logo o esporte se derivou do jogo, sendo o jogo com regras, que ocasionalmente supria a necessidade de entreter a burguesia, o qual era seletivo.

Em virtude dessa colocação em entreter a população, mesmo que parte dela. O Estado se apropriou do esporte, visto que, era um fator lucrativo e um fator que ligaria diversas culturas.

Declarado nesta monografia, que existe sim uma influência do esporte na formação dos indivíduos que substancialmente tem referência em torno do trabalho. Sob a perspectiva, e sob a influência, é nítido dizer que há uma existência de fatores positivos e aquisitivos, como também a fatores que interligam ao processo de negação do conteúdo esporte dentro do âmbito educacional.

Acima de tudo, o princípio de educar contribui no saber sintetizado de forma direta e indiretamente. Pois, dentro do saber científico os elementos culturais são assimilados e anexados por cada indivíduo de formas adequadas.

Conseqüentemente, a sistematização do rendimento dentro das escolas, traz respostas que o esporte deve ser da escola e não na escola. Todavia, esse processo tem que ser observado para que haja a sistematização coesa desse fenômeno. O esporte da escola é um esporte transformador, que vence barreiras e ajuda os alunos a terem uma visão crítica da realidade.

Cabe lembrar que defendemos e discutimos a perspectiva e a proposta estabelecida pela abordagem crítico-superadora, onde é correto condizer os frutos das lutas de classes que se estabeleceu entre às políticas públicas sendo o Estado e a classe proletarizada que ficava à margem de todo o processo de humanização.

Assim sendo, procuramos entender e encontrar respostas de como o esporte está situado dentro da formação dos indivíduos, sendo transmitida a relação geral do trabalho, até a sistematização na escola.



Logo a objetividade do esporte envolve fatores importantes como questões em torno da coletividade, percepções, racionalidade, cobranças, habilidades, motivações que envolvem emoções, estas, por sua vez contribuem para impulsos psicológicos e por fim uma visão independente.

Como visto, a necessidade do ensino da técnica, tem fatores de grande importância dentro do ensino, já que o ensino da formulação correta, indica e atribui a descoberta de novos procedimentos em torno da temática. Sendo assim, não negando o conteúdo.

Por mais que o esporte seja pragmático, as técnicas que são desenvolvidas têm transcendência fundamental para um melhor desempenho, fazendo com que dominemos melhor o próprio corpo em movimentos eficazes, mas também, para que desenvolvamos fatores educacionais. Dessa forma, fica evidente que a técnica é necessária para a amplificação do aprendizado, o que não significa tratar de um puro tecnicismo, ensino da técnica pela técnica.

O esporte não trava o ensino, e nem o ensino trava o esporte. Ambos podem andar juntos com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento dos estudantes.

A prática, as semelhanças sociais, os atos e objetivos que afloram os sentimentos individuais dos estudantes, regem o complexo fenômeno esporte. Mas, aqui como no apontamento das questões acima, mesmo que tenhamos encontrados respostas coerentes sobre o nosso tema, deixo claro que esse estudo será acrescido de outras pesquisas contínuas, pois, afirmo que este trabalho compreende uma descrição do pensamento teórico sobre a ampliação do esporte e suas fases de desenvolvimento.

Concluo este trabalho, contudo não o considero finalizado, assim esta primeira caminhada ainda almeja trilhar por caminhos mais longos na formação acadêmica.

## **REFERÊNCIAS**

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. *In: Revista Movimento*. UFRGS - Ano VI - Nº 12, p. 14 a 24, 2000/1.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 136 p.

ESCOBAR, Micheli O. Crítica a perspectiva da promoção da saúde e da aptidão física. **Boletim Germinal**. Londrina: UEL, n. 6, p.4 – 6, Mar. 2009.

GAMBOA, Silvio S. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas** – Chapecó: Argos, 2013, 159 p.

LEONTIEV, Alexis, 1904-1979. **O desenvolvimento do psiquismo** / Alexis Leontiev; [Tradutor Rubens Eduardo Frias]. -, 2- ed. -- São Paulo: Centauro, 2004.

LUVISOLO, Hugo e STIGGER, Marco Paulo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Coleção Educação Física e Esportes. Campinas – SP: Autores Associados – 2009.

LOVISOLO, H. Mediação: Esporte rendimento e esporte da escola. **Revista Movimento**. Porto Alegre, Ano VII, n. 15, p.107-117. 2001.

MARQUES JUNIOR, Waldemar. **Esporte escolar e emancipação humana: reflexões à luz da ontologia marxiana**. 2012. 264 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012.

MELO, Marcelo P. **Esporte e dominação burguesa no século XXI: a agenda dos Organismos Internacionais e sua incidência nas políticas de esportes no Brasil de hoje**, 2011. 344 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. Programa de Pós-graduação em Serviço Social, 2011.

MELO, Victor A.. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. *In: Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.24, n.1, p.107-20, jan./mar. 2010.

MILIOLI, Bruno B., ORTIGARA, Vidalcir. Educação e Produção do Conhecimento nos Processos Pedagógicos. **Esporte: sentidos e significados**. UNESCO, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, Suely Ferreira Deslandes, et al. **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NETO, Gabriel P. P. et. al. Esporte, cultura corporal e pedagogia histórico crítica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 175-184, 2018.

NOGUEIRA, Diego M.. Esporte na educação física escolar: reflexão teórica à luz do marxismo. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2013, Vitória - ES. **Anais**. Vitória – ES, 2013, p. 1 a 17.

OLIVEIRA, Murilo M. **O trato com o conhecimento esporte na abordagem crítico-superadora** – 2018. 163 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

OLIVEIRA, Sávio A.. **O “novo” interesse esportivo pela escola e as políticas públicas nacionais**, 2009. 209 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2009.

PENNA, Adriana M. **Esporte contemporâneo: um novo templo do capital monopolista**, 2011. 172 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Serviço Social, 2011.

VIEIRA PINTO, A. **Consciência e Realidade Nacional**. II Volumes. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, A. O Conceito de Tecnologia. II Volumes. Rio de Janeiro: **Contraponto**, 2005.

SAVIANI, Dermeval, 1944 - **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**/Dermeval Saviani-11.ed.rev. -- Campinas, SP: Autores Associados, 2011. — Coleção educação contemporânea.

SAVIANI, Demerval, - Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos- **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

SILVA, Eduardo Jorge S. Crítica do construtivismo: apontamentos de uma análise marxista. **Boletim Germinal**. Londrina: UEL, n. 6, p.6 – 9, Mar. 2009.

SILVA, Welington A. Crítica a abordagem crítico-emancipatória. **Boletim Germinal**. Londrina: UEL, n. 6, p.9 – 11, Mar. 2009.

SILVA, William Jose Lordelo. **Crítica à Teoria Pedagógica da Educação Física: para além da formação unilateral**. 112 f. 2011. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

TAFFAREL, Celi Nelza Z.. Desporto Educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. *In: Revista Movimento*. UFRGS - Ano VII - Nº 13, p. 15 a 35, 2000/2.

TAFFAREL, C.N.Z. **Esporte na escola e esporte de rendimento: Reafirmando o marxismo contra as ilusões e as imposturas intelectuais**. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 189 – 196.

TAFFAREL, Celi e SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira. Como iludir o povo com o esporte para o público. *In: Esporte, Educação, Estado e Sociedade*. Chapecó, Argus, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928- **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** / Augusto Nivaldo Silva Trivifios. --São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, Manoel José G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação** / Manoel Tubino. Maringá: Eduem, 2010, 163 p.

VAZ, Alexandre F. Técnica. Esporte, rendimento. *Revista Movimento*. Porto Alegre, Ano VII, n. 15, p.87-99. 2001.

VERONEZ, Luiz F. C. **Quando o Estado joga a favor do privado: as políticas de esporte após a Constituição de 1988**. 2005. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.